A PRAGA Bolsonaro precisa ser extirpada do Brasil

A eleição de outubro ocorrerá em meio a grande tensão, ameaças e ataques radicais e **será fundamental para salvar a democracia.** Se não for rejeitado nas urnas, o presidente sairá fortalecido para avançar contra as instituições. **Ou o Brasil vence o capitão, ou ele derrotará o País**

ENTREVISTA

SERGIO MORO

Candidato do Podemos a presidente da República

O ex-juiz Sergio Moro, 49, é o terceiro mais bem colocado na corrida presidencial deste ano e o melhor entre os candidatos da chamada terceira via para tentar impedir a polarização entre Lula e Bolsonaro. Mas ele diz não estar preocupado apenas com os índices das pesquisas, por entender que ainda faltam dez meses para as eleições e acredita ter tempo suficiente para ultrapassar seus opositores. Explica, porém, que prefere dedicar os próximos meses à construção de um projeto para um novo País. "Não quero um Brasil com essa deterioração institucional que vem desde o governo do PT, com o mensalão e o petrolão; agora, são as rachadinhas e o orçamento secreto de Bolsonaro", diz o pré-candidato. Em entrevista à ISTOÉ, Moro diz ser contra a descriminalização das drogas, contra a liberalização total do aborto, defende o teto de gastos e é a favor de estudos para a privatização da Petrobras. Para ele, o economista Affonso Celso Pastore não será seu Posto Ipiranga e sim o coordenador do seu plano de governo. "É muito cedo para dizer se ele será meu ministro da Economia ou não."

Por Germano Oliveira

"NEM MENSALÃO E PETROLÃO E NEM RACHADINHAS"

ECONOMIA O ex-juiz diz que é liberal, mas defende que o Estado atue em áreas como Saúde, Educação e Segurança Pública

Eu tenho uma vida pretérita e presente irretocável, do ponto de vista da integridade. Eu fui juiz durante 22 anos e nunca precisei de foro privilegiado. Depois, fui ministro igualmente com postura inatacável. E agora não preciso de foro privilegiado. Na verdade, a nossa proposta é a extinção do foro privilegiado para todas as autoridades, inclusive para o presidente.

Quando lançou-se candidato a presidente em novembro, seu nome cresceu nas pesquisas e atingiu 10%, mas depois parou de crescer e até caiu. O que explica a oscilação?
Quando voltei ao Brasil foi para construir um projeto de um novo País. Estou preparando esse projeto, que leva um certo tempo, ouvindo especialistas e a sociedade de um modo geral. Porque hoje temos um diagnóstico muito ruim da situação do Brasil. Algo que me motivou foi a percepção de que as pessoas estão falando sobre 2022 de forma desalentada, como se estivéssemos indo para um funeral e não para uma eleição. Há também um desapontamento muito grande com o atual governo e igualmente uma insatisfação enorme com o governo anterior do PT. Há um grande espaço para um projeto diferente.

"As pessoas estão desalentadas, como se estivessem indo para um funeral e não para uma eleição"

São verdadeiras as informações de que se não atingir 15% até abril, o senhor pode desistir da Presidência para lançar-se candidato ao Senado?
Não há nenhuma veracidade nisso. Isso são boatos espalhados por pessoas que têm medo da minha candidatura. Eu tenho repetido que esse navio aqui já zarpou. O projeto é ser pré-candidato a presidente. Não tenho nenhuma pretensão de concorrer a um cargo eletivo no Senado. Agora, vou deixar muito claro, a minha aspiração é para fazer algo de diferente dentro do governo. Não quero um País com tamanha dificuldade, tamanho desemprego, inflação elevada e com essa deterioração institucional que vem desde o governo do PT, com mensalão e petrolão; agora, a gente tem visto as práticas das rachadinhas e do orçamento secreto. A gente quer um País diferente. Queremos um País com prosperidade, mas também o bem-estar da alma. Um País que a gente tenha orgulho, que seja honesto e íntegro. O objetivo não é ser presidente como Lula ou Bolsonaro. É um projeto diferente de País e de integridade da Presidência da República.

É verdade que o senhor pretende ter imunidade em função das acusações da parcialidade na Lava Jato?
Eu tenho grande orgulho da Lava Jato. Fico emocionado com o trabalho que foi feito ali. A gente vivia num País de impunidade em relação à grande corrupção, com exceção talvez do mensalão. E a Lava Jato demonstrou que a lei valia para todos. Que não era destino manifesto do Brasil ser um País corrupto. Então não tenho nenhum receio da minha atuação como juiz.

Outra possibilidade seria o senhor ser vice do governador João Doria, ou vice-versa. Há um pacto entre os senhores de um apoiar o outro?
Não existe nenhuma conversa ou definição de nenhum dos lados. O que existe apenas é um diálogo com o governador de São Paulo. Ele governa o estado com a maior economia do País e, portanto, tem a sua relevância. Mas os projetos meus e dele são distintos. Respeito a ambição dele, mas cada um segue o seu caminho. Claro que lá adiante ele pode ser um aliado. Como muitas outras pessoas podem ser aliadas contra esses extremos radicais, representados pelo governo atual e pelo governo do PT.

Analistas dizem que será muito difícil um nome da terceira via romper com a polarização entre Lula e Bolsonaro. Como o senhor pretende vencer essa barreira?
Não existem petistas ou bolsonaristas, existem brasileiros. Alguns desses brasileiros, infelizmente, se equivocam com propostas de radicalismo ultrapassado. Então, acima de tudo, existe a voz do bom senso e da racionalidade. A voz das pessoas que repudiam essas ações erráticas do governo e que nos trouxeram ao atual período de estagnação econômica e de intenso sofrimento das pessoas. Igualmente, há uma insatisfação em relação ao governo do PT, no qual tivemos os grandes escândalos de corrupção e também a maior recessão da história, entre 2014 e 2016. Romper essa polarização não é difícil. Vamos apelar para a racionalidade, ao bom senso, conversar com as pessoas, demonstrar como as coisas podem ser diferentes e que a gente não está fadado a escolher o pior.

O senhor vai usar a campanha para provar aos eleitores que Lula é corrupto?
Essa é uma questão entregue aos processos e à história. E a história todo mundo sabe como aconteceu. Durante o governo do PT, nós tivemos os dois maiores escândalos de corrupção da história. O mensalão, que foi julgado pelo Supremo diretamente, e o petrolão, que representa a essência do >>

FOTOS: ANDRÉ COELHO/GETTY IMAGES VIA AFP; NELSON ALMEIDA/AFP

que dá errado no Brasil. O loteamento político de cargos públicos, como na Petrobras, com a função de arrecadação de dinheiro para enriquecimento de políticos e financiamento ilegal de partidos. O que se viu durante o governo do PT foi um projeto de poder para o PT. O que eu pretendo discutir agora é uma visão de futuro. A gente precisa construir um País melhor, e isso depende fundamentalmente da melhoria da qualidade das nossas instituições.

No caso de Bolsonaro, o senhor vai insistir na tese de que Bolsonaro usou a PF para proteger sua família e amigos das acusações de malfeitos, como no caso das rachadinhas do senador Flávio?

O governante se submete às leis. E não as leis se submetem aos caprichos dos governantes. Esse é o retrato específico do nosso atraso, pensar as instituições do Estado como estando a serviço do presidente ou dos seus familiares. Então, num quadro institucional de normalidade, se um governante comete um crime, isso vai ser investigado e a pessoa vai ser punida. Não existe isso de as pessoas estarem acima da lei.

A eleição deste ano será em cima de propostas para a economia. O senhor tem recebido contribuições de Affonso Celso Pastore. Ele será o seu Posto Ipiranga?

Convidei o Pastore, que é um dos maiores economistas do País, para integrar um grupo que vai desenvolver o programa de governo. Esse programa envolve temas relacionados não só à economia, mas também à educação, saúde, política de emprego, diminuição da desigualdade, meio ambiente, tecnologia. Ou seja, é algo muito mais amplo. Sabemos que os interesses dos brasileiros vão muito além. Não obstante, o combate à corrupção está no meu DNA. Para que a gente tenha um governo minimamente eficiente em qualquer área, por exemplo, para prestação de serviços de educação, você tem que ter integridade senão as coisas não funcionam. Sendo corrupto vai ser mais uma gestão incompetente. Sendo corrupto é impossível ser competente.

Pastore é um ministeriável no seu governo?

O convite foi para o Pastore construir o programa de governo. Não vamos antecipar decisões que devem ser tomadas lá na frente e têm que ser conversadas com todos os envolvidos. Não é uma questão apenas minha. Temos que conversar inclusive com ele a respeito.

O senhor pretende manter o teto de gastos?

É preciso ter um mecanismo que garanta a credibilidade fiscal do País. O desenvolvimento, os gastos e investimentos públicos precisam ser sustentados e isso depende de credibilidade e responsabilidade fiscal.

O senhor se considera um liberal?

Eu tenho uma visão liberal da economia. A prosperidade depende muito mais do mercado, da inovação do setor privado, do que do setor público. Mas a pandemia nos revelou a importância das políticas do Estado. No caso da pandemia, o socorro do Estado foi fundamental. Você não pode remeter as pessoas carentes a soluções disponibilizadas pelo mercado. Ou elas não vão ter, por exemplo, dinheiro para encarar esses desafios. Então é importante que você tenha uma educação pública de qualidade. É importante você garantir serviços de saúde que amparem as pessoas. É igualmente relevante você ter políticas de erradicação da pobreza e diminuição da desigualdade social.

O senhor privatizaria a Petrobras?

Isso tem que ser analisado do ponto de vista da eficiência econômica. Não tenho nenhum preconceito. Eu venderia a Petrobras sem nenhum problema. No entanto, tem que haver um estudo para saber se isso nos traz ganhos em matéria de eficiência econômica. Não adianta você substituir o monopólio público por um monopólio privado. Eu particularmente sou favorável que o Estado se concentre naquelas políticas que beneficiem o bem-estar para as pessoas, ou seja, Saúde, Educação e Segurança Pública. Liberal na economia não significa que eu seja contrário às políticas sociais.

O senhor é conservador? É contra o aborto, contra a descriminalização da maconha, contra o casamento gay?

Eu me considero conservador em matéria de costumes. Sou casado há 22 anos. Tenho dois filhos. Sou contrário ao uso de drogas. Mas eu também defendo a manutenção da vida, sou a favor da manutenção da legislação atual em relação ao aborto. Nós temos que ter um Estado que não discrimine e promova a inclusão. Todo mundo sendo respeitado, um Estado não tem que se meter nas escolhas dos indivíduos, independentemente das preferências individuais. O casamento gay já foi discutido pelo Supremo, que permitiu esse tipo de união. É algo que já foi resolvido. ■

> "Convidei o Pastore para integrar o grupo que desenvolverá o programa de governo. Não vamos antecipar decisões que devem ser tomadas lá na frente"

FOTO: FILIPE ARAÚJO/ESTADÃO CONTEÚDO/AE

Marketing de recompensas:

conquiste, engaje e fidelize clientes

Como fidelizar meus clientes? Como engajar mais? Como me diferenciar e conquistar promotores para a minha marca? Se você é gestor de alguma empresa ou trabalha com marketing, com certeza tem ou já teve essas dúvidas. Em cenários cada vez mais competitivos, é comum que as empresas busquem estratégias capazes de conquistar clientes e estreitar a relação com eles.

E com tanta informação, possibilidades e oportunidades surgindo a todo momento para os consumidores, sai na frente a empresa que consegue desenvolver ações que não só reconhecem a importância do cliente, como também resultam em otimização do engajamento e fidelização. Mas, afinal, o que fazer para destacar a sua marca?

Uma das possibilidades que surgiu no mercado e tem chamado a atenção, principalmente por ser acessível para empresas de todos os tamanhos, é o marketing de recompensas. Essa é uma estratégia de marketing que tem como objetivo estreitar a relação entre a marca e os seus clientes, por meio de um programa de recompensas.

Quais os benefícios de utilizar o marketing de recompensas?

A construção de um relacionamento de confiança entre as marcas e os seus clientes é essencial para qualquer empresa. Um cliente satisfeito pode se tornar um aliado especial, pois pode ser também um divulgador da sua marca.

O que muitas empresas ainda não conseguiram definir é a melhor forma de promover o engajamento e entusiasmar o consumidor a se relacionar mais estreitamente com a marca. Foi nesse contexto que surgiram os programas de fidelidade, em que o cliente adquire produtos ou serviços, ganha pontos e depois pode trocar por benefícios.

Um dos principais desafios nessa estratégia é a dificuldade, para o cliente, em reunir a quantidade de pontos necessária para fazer a troca. Além disso, o programa de fidelidade às vezes generaliza o perfil dos participantes. Por isso, algumas empresas já têm repensado a maneira de recompensar seus clientes.

E qual é esse novo jeito de se relacionar e encantar o seu público?

No Brasil, o marketing de recompensas já tem sido a escolha de grandes empresas do varejo, setor financeiro e até de startups.

A empresa líder nesse segmento é a Minu, que já atua há 14 anos oferecendo soluções com entregas de recompensas instantâneas, sem burocracia ou necessidade de acúmulo de pontos.

A estratégia une inovação, tecnologia e praticidade para oferecer a melhor solução em campanhas de marketing com entrega de recompensas instantâneas, que atendem a diferentes perfis de consumidores. "O marketing de recompensas valoriza a experiência de compra. Ninguém precisa esperar semanas ou até meses para ter a recompensa. O cliente resgata e recebe instantaneamente. Oferecemos um catálogo digital com centenas de parceiros e mais de 600 ofertas para as empresas disponibilizarem aos consumidores, com opções que vão desde créditos em telefonia e internet até descontos em produtos ou serviços de lojas parceiras.", conta o vice-presidente comercial e de marketing da Minu, Oswaldo Oggiam.

No momento em que o consumidor ganha imediatamente uma nova experiência e pode usufruir de maneira fácil e rápida, é muito provável que queira continuar se relacionando com a marca. Então, se a sua empresa procura adquirir ou reter clientes, trazendo retorno positivo, com baixo investimento e alta percepção de valor, o marketing de recompensas pode ser a solução ideal.

Editorial

Carlos José Marques, *diretor editorial*

A RESPOSTA QUE BOLSONARO MERECE

A carta-resposta do almirante da reserva, Antônio Barra Torres, reagindo em nome da Anvisa às afrontas do presidente Bolsonaro - que insinuou, levianamente, interesses escusos da entidade na defesa da vacinação infantil -, lavou a alma de um Brasil inteiro. O mandatário não se emenda. É absolutamente deplorável que um chefe de nação, desde o início, em meio a maior crise sanitária que o mundo já enfrentou, trabalhe abertamente contra a imunização, de todas as formas e em qualquer ocasião. Já no começo da pandemia, ao protagonizar uma campanha de descaso falando em "gripezinha", Bolsonaro deu o tom da aversão que acalentava contra os desígnios da ciência. Ele não aceitar se vacinar e propagar os falsos trunfos de uma droga fajuta, a cloroquina que em nada ajudava no combate à doença, foram os menores dos males. Bolsonaro, diretamente, tratou de sabotar o programa de imunização. Postergou o quanto pôde as negociações para a compra das vacinas. Fez propaganda negativa de seus efeitos. Da ridícula alegação de que todos virariam jacaré até a ilação, criminosa e mentirosa, de supostos efeitos para o aumento de casos de Aids e mortes súbitas, ele não parou de se exceder no teatro de absurdos. Bolsonaro foi o próprio arauto do apocalipse profanando os resultados da única alternativa capaz de livrar a população do drama da Covid-19. Ainda há poucos dias ele criticava o que chamou de "tara" dos brasileiros por vacina. Reclamou mais uma vez da "pressa" sobre o assunto. Exultou - isso mesmo - a chegada da variante "Ômicron", dizendo que ela era muito "bem-vinda" ao Brasil. No atacado e no varejo tripudiou sobre a quantidade de mortes infantis, tratando os mais de 300 casos como insignificantes. E foi capaz até de desafiar: "eu não tenho conhecimento de uma morte de criança por Covid, a mim não chegou nenhuma notícia". O presidente mente, como sempre. Emula conclusões sem qualquer embasamento. Sem qualquer lógica, vai trabalhando assim contra o próprio projeto de reeleição. Afinal, pesquisas mostram que ao menos 70% dos entrevistados discordam do discurso antivacina. Mais de oito em cada dez brasileiros querem e vão imunizar seus filhos. A postura negacionista de Messias não o ajuda. Ao contrário, lhe atrapalha - salvo em algumas restritas patotas de adoradores convictos. No momento em que uma retomada virulenta de casos é verificada, ele repisa a cantilena do caos. Diz que haverá uma rebelião se o "lockdown" for novamente decretado. É o mesmo que falou ainda nos primórdios de 2020, quando o País experimentava a escalada da Covid-19. Bolsonaro não sabe o que diz, nem é mais levado a sério nas bobagens trombeteadas. Quando impelido a se justificar, como exigiu o militar Barra Torres, fica calado ou reclama da dureza no tratamento. Logo ele, que recorre ao tom autoritário a cada situação em que é contrariado. Por equívocos e abusos que tiraram a paciência da maioria, Bolsonaro passou a receber seguidos alertas e enquadramentos da caserna. A condescendência dos militares teve um basta. Não apenas o almirante Barra Torres vem respondendo à altura aos destemperos do presidente. O general Joaquim Silva e Luna, no comando da estatal Petrobras, faz o mesmo e o desautoriza a cada declaração atravessada contra a política de preços dos combustíveis. O movimento fardado em resistência ao presidente está tomando vulto. Quando ele reclamou da deliberação do Exército sobre exigir vacinação dos soldados recebeu um recado para conter o devaneio e recuou. Desde o Sete de Setembro, quando imaginou ser capaz de executar um golpe, malfadado, para moderar as instituições democráticas, percebeu que não conta, como esperava, com a adesão incondicional das Forças Armadas aos seus anseios. Bolsonaro está pequeno. Cada vez mais diminuído na projeção e representatividade. Domesticado por militares que não desejam servir de esteio a suas loucuras, ele radicalizou nos últimos tempos para garantir ao menos o apoio dos seguidores habituais. Não logrará êxito maior por esse caminho. Pregar contra a vacinação, por exemplo, além de distanciá-lo da realidade, o isola na redoma dos irresponsáveis. Faltam ao Messias compostura, prumo e capacidade para seguir no cargo que ocupa. Passou tempo demais comandando sem condições. Talvez por isso vadiou tanto, seja no jet ski, dançando funk ou passeando em parques de diversões — porque apenas dessa maneira pode chamar alguma atenção para a sua figura patética, de resto tão abominável. ■

FOTO: PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

Sumário

Nº 2712 – 19 de janeiro 2022
ISTOE.COM.BR

HISTÓRIA O Dia do Fico, de Dom Pedro I, fez bem ao Brasil. O Dia do Cai Fora, de Jair Bolsonaro, fará melhor ainda

CAPA A eleição para a Presidência da República ocorrerá em clima tenso e de ataques radicais. Ou o Brasil derrota Jair Bolsonaro ou ele esmagará a democracia no País

MEDICINA A comunidade científica internacional classifica a Sídrome de Burnout como doença e recomenda tratamento especializado

60

CULTURA Novo livro sobre a Guerra do Vietnã, do historiador Max Hastings, conclui que não houve vencedores no conflito, somente perdedores

Você também pode ler ISTOÉ baixando a edição em seu Smartphone e tablet

CAPA: FOTO: ANDRESSA ANHOLETE/GETTY IMAGES SOUTH AMERICA/GETTY IMAGES VIA AFP
FOTOS EDITORIAIS: REPRODUÇÃO; SÉRGIO LIMA/AFP; GABRIEL REIS; HORST FAAS/AP PHOTO

por Felipe Machado

Editor de Cultura de ISTOÉ

O CAMARÃO É UMA METÁFORA DO BRASIL

O Brasil é tão curioso que um pequeno elemento que surge por acaso acaba nos ensinando mais sobre o País que páginas e páginas de análises sociológicas. Me refiro ao camarão, crustáceo que nos últimos tempos deixou de ser tratado como item gastronômico para se tornar um inusitado player político. Com a internação do presidente Jair Bolsonaro, motivada por uma obstrução intestinal causada pelo dito cujo, o camarão foi ainda mais longe: virou uma espécie de "herói da resistência", fonte de inspiração para memes e piadas. Esquecendo um pouco o lado caricatural do caso, acredito que há outra maneira de encará-lo.

Em novembro de 2021, o ator Wagner Moura, diretor de "Marighella", foi fotografado comendo acarajé durante a exibição do filme em uma ocupação do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto). Acarajé, como se sabe, é um bolinho baiano recheado com vatapá, caruru, vinagrete e camarão. É tão comum em Salvador como cachorro-quente nas esquinas de São Paulo ou biscoito Globo nas praias do Rio de Janeiro. Não custa nem R$ 10 e equivale a uma refeição. Bastou ver Wagner Moura comendo acarajé para que a corja virtual liderada pelo filho do presidente, Eduardo, criticasse o ator: "enquanto a elite come camarão, a massa fica no esgoto", escreveu. A ignorância bolsonarista não tem limites, mas um deputado federal não saber sequer o que é um acarajé é um pouco demais. Detalhe: o comentário foi publicado a partir de Dubai, onde uma gigantesca e inútil comitiva se divertia torrando dinheiro público de forma nababesca para tirar fotos com roupas de sheik.

Corta para dezembro de 2021 - a internação do presidente. Com um pouco de lógica, é fácil associar os dois casos. Se Eduardo Bolsonaro classificou quem come camarão como "elite", fica óbvio que ele considera seu pai parte dessa aristocracia. O problema é esse: os bolsonaristas acham que têm o direito de comer camarão, enquanto os outros brasileiros devem implorar por restos de comida. Bolsonaro pode até se empanturrar com o crustáceo; Wagner Moura e os trabalhadores Sem-Teto, não. O camarão está para Bolsonaro assim como o brioche estava para Maria Antonieta: ele escancara as causas da desigualdade social no Brasil. Há uma parcela que se acha a "elite" do País e se considera superior ao resto da população. Não é: são apenas uma massa de ignorantes e preconceituosos, alimentados pelo ódio que emana da família de artrópodes que ocupa o Planalto.

Os bolsonaristas acham que têm o direito de comer iguarias, enquanto os outros brasileiros devem implorar por restos de comida

AO MESTRE COM CARINHO

A vida imita a arte e arte imita a vida. Essas duas questões traduziram de forma enfática a vida e obra de Sidney Poitier, justamente festejado como um dos maiores atores dos EUA. Somente alguém com profunda fé e convicção na vontade humana de superar os obstáculos teria acreditado na possibilidade de vencer pelo talento em um ambiente de extrema hostilidade que, injustamente não reconhecia qualidades e capacidades num homem negro, sequer para as coisas banais da sociedade norte-americana da sua época.

Em um tempo em que os espaços estavam demarcados com riscas de giz pelo apartheid racial e depois num momento histórico turbulento, no qual essa sociedade discutia se negros e brancos eram portadores da mesma inteligência e se poderiam sentar nos mesmos bancos de ônibus e beber água nos mesmos bebedouros, a aparição e permanência de Poitier nas telas de lares de seu país e em diversos locais no mundo, permitiu amplificar a contradição, ampliar a discussão, e ao mesmo tempo construir os argumentos

Sidney Poitier viveu com galhardia, morreu com dignidade e deixa um legado de desafio e inspiração para cada um de nós

por José Vicente

Reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares

de persuasão que ao final venceram.

Se o negro Poitier podia representar, debater e contestar com tanta competência e grandiosidade os temas das ruas no universo da arte, e com isso tocar, despertar e desafiar nossos sentidos, porque deveria ser impedido de manusear esses mesmos talentos para tocar e desafiar os sentidos da vida real? E se o fazia com tamanha aptidão deveria ser digno do reconhecimento social e artístico independentemente de qualquer questão política ou social.

Foi esse o veredicto representado no Oscar de melhor ator concedido pela primeira vez a um ator negro, que ao final consagrou para os estadunidenses e amantes do cinema no mundo inteiro a compreensão de que a maestria no trabalho individual será sempre maior e mais importante que qualquer obstáculo artificiosamente colocado a sua frente. Tanto na vida mundana como no mundo da imaginação das telas hollywoodianas, o maravilhoso encontro entre realidade e ficção a partir da vida e da obra de Poitier permitiu que as vidas mais afortunadas celebrassem uma fantástica e grandiosa personalidade.

Poitier viveu com galhardia, morreu com dignidade e deixa um legado de desafio e inspiração para cada um de nós. Nenhuma construção artificial pode limitar o talento humano e muitos menos determinar seu destino. A capacidade criativa humana habita corpos e mentes de todos os indivíduos e só precisam de oportunidades justas e iguais para jorrar. Para nós que ficaremos um pouco mais, um justo réquiem ao nosso eterno mestre; com carinho.

por Cristiano Noronha

Cientista político

GOVERNABILIDADE

O Congresso Nacional brasileiro tem vocação governista. Mesmo que a coligação vitoriosa na eleição presidencial de outubro próximo não consiga eleger a maioria dos parlamentares para a Câmara dos Deputados e o Senado Federal, os presidentes eleitos desde a redemocratização conseguiram construir uma base de apoio em ambas as Casas suficiente para manter uma governabilidade mínima e fazer avançar a agenda legislativa do Planalto. Os ex-presidentes Fernando Collor e Dilma Rousseff acabaram perdendo condições de governabilidade ao longo do mandato – Collor com menos de dois anos de mandato e Dilma já na segunda gestão – e sofreram um processo de impeachment.

Mas garantir uma base sólida tem sido cada vez mais uma batalha árdua e complexa para o presidente eleito. Em 1998, 18 partidos políticos conseguiram eleger representantes para a Câmara. Apenas cinco somavam cerca de 79% da composição total da Casa (406 votos). Na eleição de 2018, 30 legendas elegeram deputados federais. Para se chegar aos mesmos 79% do total da Câmara, seria necessário reunir 12 partidos. Ou seja, a pulverização na Casa aumentou e, com ela, a possibilidade de construção de uma base que garanta maioria.

Quanto maior a quantidade de partidos na aliança governista, mais difícil é manter a governabilidade e mais complexa se torna a negociação para garantir maiorias e aprovar reformas estruturais. Essa complexidade tem aumentado ao longo do tempo. Hoje há menos cargos públicos para compartilhar, em comparação aos anos 90, e mais recursos do Orçamento com execução obrigatória por parte do Executivo.

Mais uma legislatura está chegando ao final sem que uma reforma política consistente tenha sido aprovada para reduzir o número de partidos no Congresso. Chegou-se a aprovar o fim das coligações nas eleições proporcionais com esse objetivo, mas logo depois criou-se a chamada "federação de partidos". A diferença entre ambas é que a federação representa uma relação mais duradoura (de quatro anos). A coligação, em geral, era desfeita no dia seguinte à eleição. Na prática, porém, a intenção era assegurar a sobrevivência das médias e pequenas siglas.

Quanto maior a quantidade de partidos na aliança governista, mais difícil a negociação no Congresso

Fato é que o próximo presidente da República, seja ele quem for, deverá encontrar um Congresso ainda bastante fragmentado. Considerando que o Legislativo não gosta de ser oposição, o mandatário eleito este ano também chegará com condições de ter maioria no Congresso. No entanto, superada a fase de lua de mel, que em geral dura menos de um ano após a posse, ele deverá continuar enfrentando dificuldades no diálogo com o Parlamento. Será, como se tem visto ultimamente, uma relação marcada por altos e baixos.

Frases

A CONDUÇÃO DA PANDEMIA PELO GOVERNO BOLSONARO É UM ACINTE. NESSA POLÊMICA, NEUTRO É XAMPU”

JULIA LEMMERTZ, atriz

“O FUTEBOL É FEITO DE CALMA”

TITE, técnico da seleção brasileira de futebol, sobre como fará a escolha de um atacante para o time

“HÁ DOIS CAMINHOS DIANTE DE NÓS”

ANTONY BLINKEN, secretário de Estado dos EUA, a respeito da possibilidade de negociação diplomática ou de um conflito bélico contra a Rússia

“Sou um homem do século 19, não sei o que estou fazendo aqui, no 21”

PAULINHO DA VIOLA, compositor e cantor

FOTOS: JOÃO MIGUEL JÚNIOR/GLOBO; CESAR OLMEDO/REUTERS; CLAUDIO GATTI; REPRODUÇÃO/INSTAGRAM@MARIARITAOFICIAL

por Fernando Lavieri

"Não há democracia sem igualdade de gênero e equidade racial"

PATRÍCIA VANZOLINI, primeira mulher a presidir a Ordem dos Advogados do Brasil, na seccional São Paulo

"FOI VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA"

SHANTAL VERDELHO, influenciadora digital, ao acusar o médico Renato Kalil, responsável por seu parto

"VAMOS VER QUANTOS MESES ESSE SURTO DURA NO BRASIL. SE NOSSA TEORIA ESTIVER CERTA, VAI SER RÁPIDO, VAI ATINGIR MUITA GENTE E VAI DESAPARECER, ABRINDO CAMINHO PARA UMA DISSEMINAÇÃO SAZONAL"

AMILCAR TANURI, Coordenador do Laboratório de Virologia Molecular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em relação à Ômicron

"Percebo que alguns homens subestimam a adversária só por ser mulher. E acabam perdendo"

CIBELE FLORÊNCIO, enxadrista

"O QUE AFETA A SOCIEDADE AFETA A TODOS NÓS. SÓ QUE A EMPRESA TEM DE PRESTAR CONTAS AO INVESTIDOR"

JOAQUIM SILVA E LUNA, presidente da Petrobras, ao explicar o motivo pelo qual não pode reduzir o preço dos combustíveis

"DEFENDER AS BALEIAS, OS TUBARÕES, OS PLÂNCTONS É O NOSSO TRABALHO. SE O OCEANO MORRE, NÓS MORREMOS"

PAUL WATSON, fundador do Greenpeace

"DESCARTO PARTICIPAR DE QUALQUER CARGO POLÍTICO, MAS PENSO EM POLÍTICA E NO BRASIL"

LUIZA TRAJANO, presidente do Conselho Administrativo do Magazine Luiza

"As outras que me perdoem, mas ela ainda é a melhor cantora do Brasil"

MARIA RITA, cantora, em homenagem a Elis Regina, sua mãe, que faleceu há 40 anos

por Germano Oliveira

Colaboraram: Marcos Strecker e Ricardo Chapola

Brasil Confidencial

PACTO Marina Silva e Heloísa Helena disputarão uma vaga na Câmara para tentar salvar a Rede da extinção

Rede insustentável

Quando **Marina Silva** lançou o Rede Sustentabilidade, em 2013, a expectativa era tornar-se um dos partidos de destaque da oposição. Não conseguiu se viabilizar em 2014 por questões burocráticas, e a ex-ministra disputou a Presidência da República em 2014 pelo PSB, após a morte de Eduardo Campos em um acidente aéreo. Ficou em terceiro lugar, com 21,32% dos votos, o que a credenciou a obter o registro da nova legenda em 2015. Com o apoio da ex-senadora **Heloísa Helena**, Marina disputou a Presidência em 2018 pela Rede, mas a legenda não decolou. Ela fez apenas 1% dos votos, embora tenha eleito cinco senadores. De lá para cá, o partido entrou em crise, perdeu quatro senadores e hoje luta pela sobrevivência, podendo até ser extinto este ano por conta da cláusula de barreira.

Vida ou

Dos cinco senadores eleitos pela Rede em 2018, só restou um: Randolfe Rodrigues (AP), que deve disputar a reeleição. Os demais debandaram: Alessandro Vieira (Cidadania), Fabiano Contarato (PT), Flávio Arns e Styvenson Valentim (ambos para o Podemos). Agora, se não fizer uma bancada mínima, o risco é o partido acabar após as eleições de 2022.

Morte

Para evitar a tragédia, a Rede decidiu lançar as candidaturas de Marina e de Heloísa como candidatas a deputadas federais para puxarem votos para a legenda. É a primeira vez, desde 2010, que Marina não disputa a Presidência. É o combate "de vida ou morte" travado pela Rede, como diz HH. O partido só tem uma deputada, a indígena Joenia Wapichana.

Fogo cruzado

Romeu Zema está recebendo tiros de todos os lados. Bolsonaristas e petistas se uniram para detonar seu governo na Assembleia de Minas Gerais. Como o governador mineiro acena com a possibilidade de apoiar Sergio Moro para presidente, os seguidores de Lula e Bolsonaro querem minar sua gestão, como o congelamento da tabela de IPVA de 2022, o que representa uma perda de R$ 1,5 bilhão aos cofres públicos.

RÁPIDAS

* Depois do escândalo do orçamento secreto e de medidas impopulares como o aumento do fundo eleitoral para R$ 4,9 bilhões, o Congresso tem a pior avaliação dos últimos três anos: apenas 10% aprovam a atuação dos parlamentares e 41% acham que é ruim ou péssima.

* **Embora 20 milhões de brasileiros passem fome e tomem sopa de ossos, Jair Bolsonaro gastou R$ 4,98 milhões com as motociatas fascistas que realizou no ano passado. As despesas foram pagas com cartão corporativo.**

* Alvaro Dias decidiu disputar a reeleição para o Senado. Estava indeciso, pois não desejava trombar com Sergio Moro, que pensou em ser senador, mas a definição do ex-juiz pela presidência abriu-lhe caminho para novo mandato.

* **Milico é prioridade. O Ministério da Defesa ficou com o terceiro maior orçamento (R$ 116,3 bilhões), muito acima dos valores destinados para a Infraestrutura (R$ 18,2 bilhões) e Meio Ambiente (R$ 3,1 bilhões).**

FOTOS: PEDRO LADEIRA/AFP; GIL LEONARDI/AGÊNCIA MINA

RETRATO FALADO

"Lula debocha do povo. Quem destruiu e roubou a Petrobras foi o PT"

*O deputado **Marcel van Hatten** fez um contundente depoimento na Câmara no final do ano acusando o PT de ter quebrado a Petrobras no período em que governou o País. Segundo o parlamentar, apesar de o partido ter destruído e espoliado a Petrobras, e de ter deixado um legado de 14 milhões de desempregados, Lula coloca a culpa na Justiça pelos problemas enfrentados pela estatal. Para o deputado, o MPF apenas procurou resgatar o dinheiro que foi desviado da petrolífera.*

TOMA LÁ DÁ CÁ

TASSO JEREISSATI, SENADOR DO PSDB-CE

O que achou de Bolsonaro tirar férias enquanto a Bahia estava submersa?

Foi um tapa na cara da população. Uma demonstração de falta total de sensibilidade, empatia e qualquer tipo de solidariedade.

O que representa o diálogo entre Moro e Doria? Há chance de aliança?

Os diálogos devem ser aprofundados. O ideal seria não só uma aliança entre Moro e Doria, mas com todos os outros. Acho, porém, difícil ter um como cabeça de chapa e o outro como vice: quem vai abrir mão de ser o titular?

O que acha sobre o desembarque dos bolsonaristas do PSDB?

Deviam desembarcar logo, porque quem é bolsonarista não representa o PSDB. A visão de mundo de Bolsonaro é oposta à do partido. Suas atitudes são inaceitáveis.

Trabalho precário

O governo se vangloria de ter aberto algumas novas vagas de emprego em 2021, mas o fato é que o desemprego ainda está muito alto no Brasil, com 12,9 milhões de pessoas sem trabalho. Pior do que isso, contudo, é que quase a metade da população empregada (49,3%) ocupa vagas que pagam baixíssimos salários, sem carteira assinada ou com trabalhos informais, sem nenhuma proteção social. Os dados são de pesquisa da Pnad Contínua, feita pelo IBGE, um dos órgãos mais sérios do governo federal. De acordo com esse levantamento, a renda média do trabalhador empregado foi de R$ 2.449,00 em outubro, que é a menor renda desde 2012, quando o governo começou a compilar os números.

Sobrevivência em risco

Com o baixo salário, 80,9% não conseguem comprar pelo menos seis cestas básicas por mês, o que é insuficiente para uma família sobreviver. A pesquisa apurou ainda que 36,4% das pessoas recebem salário mínimo (em 2019 eram 29,2%) e outros 35,1% ganham dois salários mínimos (em 2019 eram 28,8%). Só piora.

Uma ministra durona

Bolsonaro não terá boas notícias vindas do Judiciário este ano. Além do ministro Alexandre de Moraes tomar posse no TSE em setembro, sendo o responsável pela condução do processo eleitoral de outubro, nesse mesmo mês o ministro Luiz Fux deixa a presidência do STF para dar lugar a ministra **Rosa Weber**, que tem jogado duro com o governo.

Decisões contundentes

Rosa está no tribunal há dez anos e nunca tomou medidas mais drásticas, mas nos últimos meses tem adotado posições mais severas, sobretudo contra o governo. Uma das mais importantes foi a que interrompeu o pagamento das emendas de relator e também a que suspendeu os decretos que flexibilizaram a posse de armas. Com 73 anos, se aposenta em 2023.

"General Lexotan caça comunistas"

O presidente do Cidadania, Roberto Freire, está indignado com a postura do general Augusto Heleno, ministro-chefe do gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República. "Enquanto a segurança digital do governo está colapsada, com ataques diários aos computadores dos órgãos governamentais, o general Heleno-Lexotan caça fantasmas do comunismo", disse.

FOTOS: PABLO VALADARES/CÂMARA DOS DEPUTADOS; ALEX SILVA/ESTADÃO; DIVULGAÇÃO/SCO/STF; JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

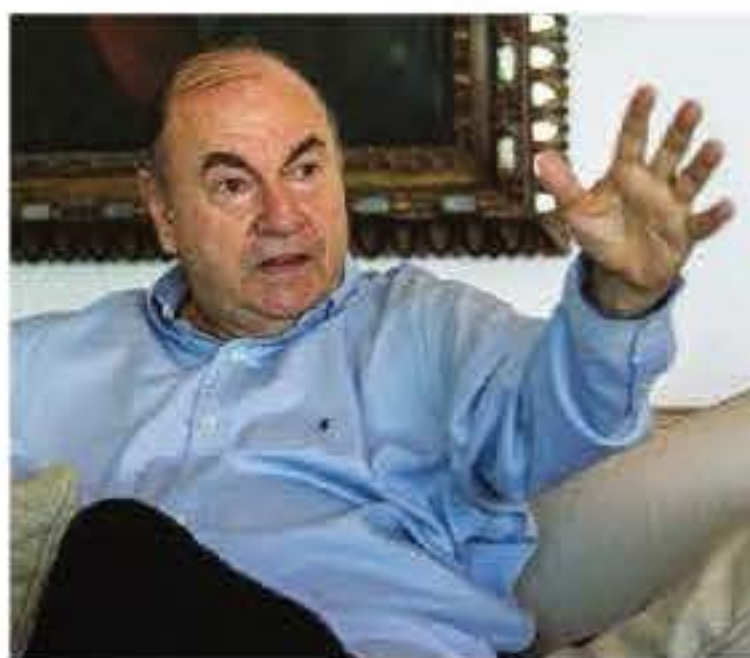
Coluna do Mazzini

PT QUER PALANQUE EM COMISSÃO

A oposição, em especial o Partido dos Trabalhadores, arma estratégia para ganhar o comando da importante Comissão de Relações Exteriores da Câmara (CREDN) em ano eleitoral – hoje nas mãos do deputado Aécio Neves (PSDB), de saída. Os deputados petistas Arlindo Chinaglia e Carlos Zarattini, da forte bancada paulista, têm a missão para o levante verbal contra os bolsonaristas na sala e no Itamaraty. A ideia dos petistas é conquistar a CREDN e usá-la como uma vitrine internacional para o discurso eleitoral de Lula da Silva, enquanto o ex-chanceler Celso Amorim será convidado para vocalizar as ideias do chefe em audiências públicas na Casa. Ex-presidentes da Câmara, Chinaglia e Aécio – cuja gestão foi apoiada pelo PT na Comissão – têm conversado muito sobre isso. Amorim ganhou a tarefa, também, de fazer a ponte com a ala centro-esquerda do Ministério das Relações Exteriores. No projeto de poder do PT, a conquista da CREDN é crucial para fazer uma transição mais célere caso Lula seja eleito.

Chinaglia e Zarattini ganharam missão de atacar os bolsonaristas. Projeto do PT envolve audiências com Celso Amorim para dar voz às ideias de Lula

Freio na bancada feminina

A bancada feminina na Câmara ensaiou reação em cadeia. Mas o Centrão e o presidente da Casa, Arthur Lira, fizeram chegar às líderes que não são obrigados a indicar uma deputada para a vindoura vaga da ministra Ana Arraes, prestes a se aposentar. A vaga é da Câmara, claro, mas pode ser de um homem ou mulher. Estão no páreo, já em discreta campanha desde o ano passado, as deputadas Bia Kicis (PSL-DF), presidente da poderosa CCJ; Soraya Santos (PL-RJ) e Margarete Coelho (Progressistas-PI), terra do ministro Ciro Nogueira – de quem tem simpatia. Corre por fora com chances o deputado relator do Orçamento da União, Hugo Leal (PSD-RJ).

Um Rio de incertezas

O cenário é tão confuso no Rio de Janeiro, sem um expoente político, que os potenciais nomes não dormem diante de turbilhão de ofertas de chapas. A mais recente que paira sobre gabinetes emenda André Ceciliano (PT) com Cesar Maia (União Brasil) de vice para o governo. No pacote ainda vai Alessandro Molon (Rede) ou Marcelo Freixo (PSB) ao Senado.

Vendeta de Alckmin após oferta à Câmara

Em política, o fígado movido pela vendeta arde mais que tapinhas de adversários nas costas. O ex-governador Geraldo Alckmin, que orbita atrás de partido e vitrine nacional, transita entre os dois. E tem a perder, indicam amigos e ex-aliados. A porta de saída do PSDB foi aberta quando lhe ofereceram a candidatura a deputado federal – o que considerou um acinte do partido. Tucanos lhe avisaram que vai perder o seu eleitor fiel na eventual aliança com Lula da Silva (PT). E o risco maior: enterrar-se de vez, puxado por Lula, caso o petista perca a eleição. O apoio do PT a Geraldo Alckmin não lhe rende votos.

FOTOS: RICARDO BORGES/FOLHAPRESS; ALEXANDRE CARVALHO/A2IMG; REPRODUÇÃO

por Leandro Mazzini

Colaboraram: equipe de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo

O clã se espalha para negociar

Há duas décadas a família Bolsonaro usa estratégia partidária-eleitoral que fortalece o clã: filiação em diferentes partidos. Na iminência do novo pleito não é diferente. O patriarca Jair entrou no PL – mesmo caminho do filho e senador Flávio (RJ). O vereador carioca Carlos bate ponto no Republicanos (ligado à Igreja Universal). Eduardo (PSL), o deputado federal campeão de votos em São Paulo, pode disputar a reeleição pelo PRTB. Movimentos de aliados indicam a estreia de bolsonaristas no 'nanico'. Negociam com o PRTB o ex-líder deputado Vitor Hugo (GO) e o deputado General Girão (RN).

Chifre na caixa - e algema também

No dia 6 de fevereiro completam-se dois anos de flagrante curioso de fiscais do Ibama do Paraná após aviso dos Correios. Foram apreendidos utensílios de cozinha feitos com chifres de cervo axis, sem licença de importação. Seu habitat são florestas asiáticas. O dono não apareceu ainda.

Marinho faz sua ponte

Ministro do Desenvolvimento Regional e pré-candidato ao Senado pelo Rio Grande do Norte, Rogério Marinho, um egresso do baixo clero da Câmara, não faria diferente num ministério. Usou a caneta e destinou R$ 38.310.823 para a construção de ponte em seu reduto eleitoral, ligando São Gonçalo do Amarante a Natal, sobre o rio Jundiaí.

País das 5 mil rádios

O país terá 5.365 rádios até o fim do ano com as novas concessões do Plano Nacional de Outorgas. Sudeste (hoje com 1.588 transmissoras) ganhará mais 106; o Centro-Oeste (466) ganhará 33; Nordeste (1.543) ficará com outras 180; Serão novas 32 na região Norte (atualmente com 366); e o Sul (970) tem autorização para 81 concessões.

NOS BASTIDORES

Um nó no Judiciário

Passados quase três meses da prisão decretada para Allan dos Santos, o nome que aparece na lista vermelha da Interpol é de um homônimo, paulista, procurado por tráfico.

Covid de portas abertas

Amostra de como o Brasil é porta escancarada para o vírus. Passageiros do voo 705 da KLM, de Amsterdã para o Galeão (Rio), desembarcaram dia 6 sem abordagem de um fiscal sequer da Anvisa no terminal.

Será que ele convence?

O ataque ainda é planejado, mas a defesa do presidente Bolsonaro na campanha já foi definida. Ele vai apontar a pandemia da Covid-19 como culpada pelos problemas do governo. E liberou seus ministros para espalharem isso nas agendas públicas.

Apostas à mesa

Há um jogo combinado em Brasília. O Congresso aprova a legalização dos jogos de azar, o presidente da República veta — para segurar o voto evangélico — e os parlamentares derrubam o veto. Todos ganham.

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista

Semana

por Antonio Carlos Prado e Fernando Lavieri

PESQUISA

Os brasileiros segundo os brasileiros: muita fé e muita criatividade

QUEM SOMOS
Febraban e Ipespe mostram o País: pesquisa inédita

Qual a característica que melhor representa e identifica o Brasil, segundo os próprios brasileiros? A resposta vem de uma pesquisa inédita realizada pelo Observatório Febraban a pedido do Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (Ipespe). E qual é essa resposta? A fé. Na verdade, qualquer extraterrestre que passasse uma semana no País capitaneado por Jair Bolsonaro diria que, diante de tanta iniquidade do governo federal, somente com muita fé é que dá mesmo para tocar o barco. 30% dos entrevistados afirmaram que a fé é o principal traço positivo do brasileiro, e esse sentimento prevalece na faixa de idade que vai dos 45 aos 59 anos, e, também, em meio às pessoas que cursaram até o ensino fundamental. Entre os mais jovens, o traço mais marcante é a criatividade. 20% responderam assim. Tudo bem: há de ser verdadeiramente muito criativo o brasileiro para sobreviver nessa náufraga economia. É como bem diz a maravilhosa canção de Gilberto Gil: "andá com fé eu vou, que a fé não costuma faia".

Abolição

Para 31% dos entrevistados, o fato mais significativo da nossa história é a abolição da escravatura: a Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel

SOCIEDADE

As duas alucinantes fugas de um ex-ginasta

Alambrados de três metros de altura com arame farpado; soldados armados até os dentes; minas terrestres. Assim é a fronteira que separa a Coreia do Norte da Coreia do Sul, e tal aparato bélico ostensivo existe dos dois lados. Nada impediu, no entanto, que o ex-ginasta norte-coreano Kim Woo-joo, 29 anos, ultrapassasse tão arriscados obstáculos sem ser notado e sem sofrer sequer um arranhão. O mais surpreendente é que após um ano vivendo na Coreia do Sul, Kim driblou novamente as fronteiras e retornou à Coreia do Norte. O fato ocorreu no primeiro dia de 2022 e foi divulgado no final da semana passada. Ele fugiu da Coréia do Norte, cansado que estava do regime obscurantista no país. Por que retornou? Seria um agente a serviço da espionagem para alguma das Coreias? Isso ainda é mistério.

Fronteira separando as duas Coreias: vulnerabilidade

FOTOS: EDUARDO ANIZELLI/FOLHAPRESS; ACERVO IMS VIA WIKIMEDIA COMMONS; CHUNG SUNG-JUN/GETTYIMAGES VIA AFP

PERSONA Maya Angelou e a moeda com sua face: reconhecimento pela luta favorável aos direitos civis

HOMENAGEM

O rosto de Maya Angelou estampará moeda nos EUA

Pela primeira vez na história dos EUA o rosto de uma mulher negra estampará moedas — as que valem 25 cents. A homenageada é Maya Angelou, falecida em 2014, aos 86 anos. Na semana passada, instituições financeiras começaram a trabalhar com tais moedas, dentro do programa American Women Quarters, que inclui também a primeira grande atriz sino-americana de Hollywood, May Wong. Angelou segue sendo uma das mais poderosas vozes contra o racismo em todo o mundo por meio de livros e ensaios que escreveu. A sua principal obra, traduzida no Brasil, é a autobiografia *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. Nela, Angelou narra a violação sexual que sofreu aos sete anos de idade por parte do namorado de sua mãe. Descoberto o autor do estupro, ele foi assassinado por tios de Angelou. Devido ao trauma sofrido, ela permaneceu muda ao longo de seis anos, época em que começou a escrever.

IDEOLOGIA

Nazismo, nunca mais

Foi com o sentimento de indignação que líderes do catolicismo e do judaísmo responderam à ação de radicais da extrema direita italiana que estenderam uma bandeira nazista sobre o caixão de Alessia Augello, *ex-membro do partido* Forza Nuova. *O ato ocorreu após a cerimônia religiosa, na saída da paróquia de Santa Lúcia, próxima ao centro de Roma. Em nota oficial, além de considerar a bandeira como algo horrível, a diocese afirmou que o nazismo não pode ser conciliado com o cristianismo. A comunidade judaica lembrou as atrocidades nazistas e considerou o episódio como inaceitável.*

EXTREMISMO Na Itália, o símbolo nazista cobriu o caixão: afronta à democracia

RESTRIÇÃO Só os imunizados poderão entrar nas lojas: a ideia deu certo

VACINAÇÃO

Québec: vacina, álcool e maconha

Na segunda província mais populosa do Canadá, Québec, a baixa adesão à vacinação contra a Covid foi resolvida da forma mais inesperada e original: o Ministério da Saúde do país anunciou que a venda legal de álcool e maconha estaria suspensa aos não vacinados. A ideia funcionou: o agendamento para receber a primeira dose subiu mais de 300%. A norma começa a valer na terça-feira 18, e quem não estiver com o passaporte vacinal em dia não poderá nem mesmo entrar nas lojas. Com o "empurrão", o governo induziu à proteção contra o vírus e terá lucro com o crescimento na venda de maconha e álcool.

FOTOS: DANIEL BOCZARSKI/GETTY IMAGES/AFP; HANDOUT/THE DEPARTMENT OF TREASURY/AFP; DAVID HIMBERT/HANS LUCAS/ HANS LUCAS; VIA AFP; (OPEN VIA AP)

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Marcos Strecker

EDITORES: Felipe Machado, Ricardo Chapola (Brasília) e Vicente Vilardaga
REPORTAGEM: Carlos Ferreira Lima, Denise Mirás, Eduardo de Freitas Filho, Eudes Lima, Fernando Lavieri, Taísa Szabatura e Valéria França
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim e Rosane Borges

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Camilla Frisoni Sola
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Claudia Ranzini, Therezinha Prado e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Reportagem: Alan Rodrigues, André Ruoco, Heitor Pires, Larissa Pereira, Letícia Sena, Rafael Ferreira e Vinicius Moreira da Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thais Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Adi Leite
Pesquisa: Mônica Andrade (Colaboradora) e Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glicia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação · **Tel.:** (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda · **Tel.:** 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP. **Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.** Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – 07750-000 – Cajamar – SP

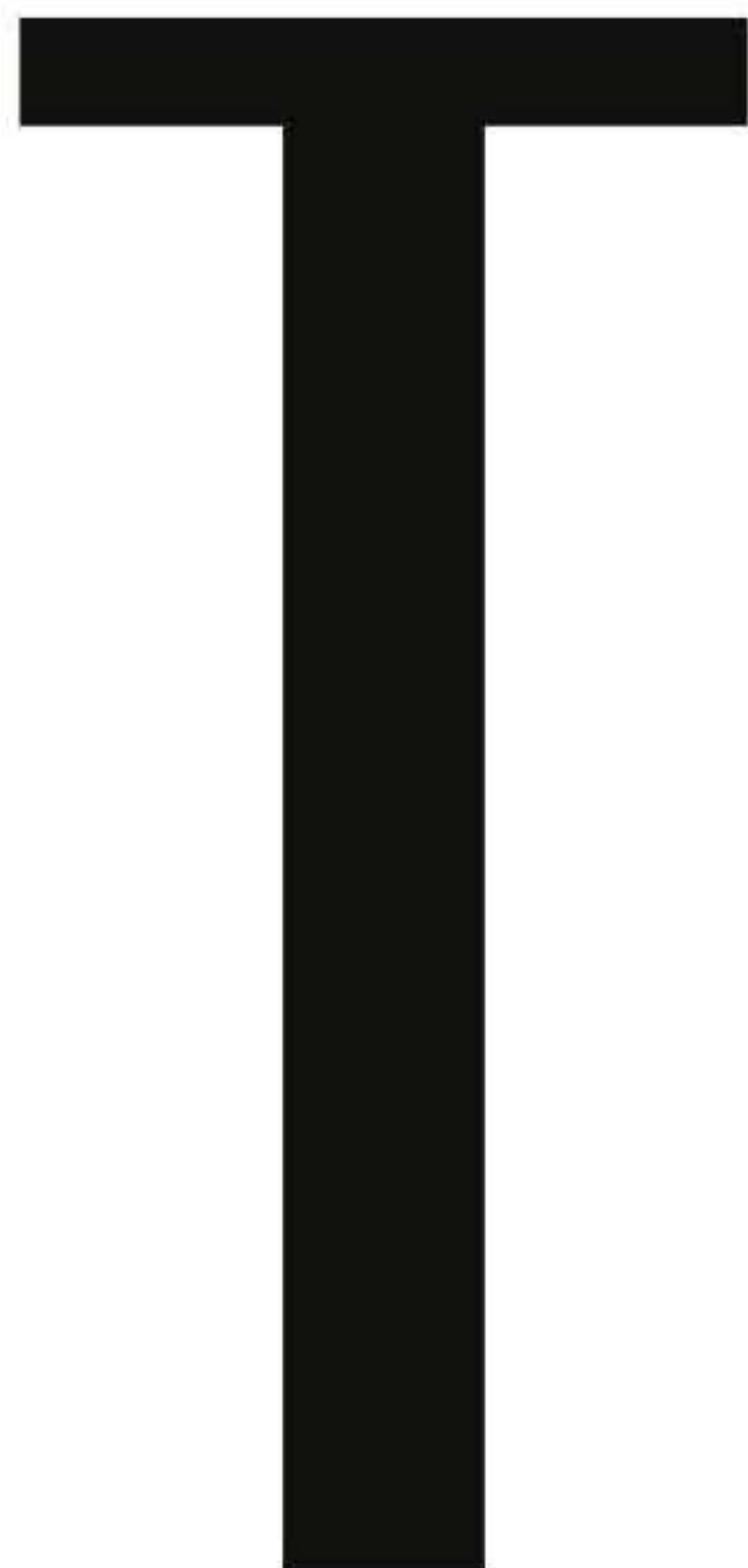
ANER
www.aner.org.br

NA OFENSIVA
O presidente no Palácio do Planalto, em julho passado: eleições tensas diante da queda nas pesquisas

UMA RENOVAÇÃO NECESSÁRIA

A derrota de Bolsonaro nas eleições não representa apenas um salutar movimento de alternância no poder. Ela é necessária para evitar que o bolsonarismo se constitua em movimento perene de ameaça à ordem institucional

Marcos Strecker e Eudes Lima

FOTOS: EVARISTO SÁ/AFP

Todas as eleições presidenciais desde a redemocratização foram vitais e colocaram a sociedade diante de escolhas difíceis. Não será diferente agora. Mas, neste ano, há uma diferença importante. O próprio fundamento da Constituição estará em jogo. Se o atual presidente conseguir permanecer no posto, há o risco de que os seus ataques à democracia saiam fortalecidos. Desde que a reeleição foi introduzida, todos os presidentes conseguiram renovar seus mandatos, beneficiando-se da máquina pública. Apesar da baixa popularidade (a rejeição ronda os 60% dos eleitores nas principais pesquisas), Bolsonaro mantém o apoio de cerca de um quarto do eleitorado. Ele tem chances reais de se reeleger.

Até o momento seu ímpeto golpista foi contido pelo Supremo Tribunal Federal, por meio de inquéritos que investigam as milícias digitais bolsonaristas, os atos antidemocráticos e a interferência na Polícia Federal. O cerco judicial, até o momento, conseguiu limitar os ataques à democracia, freando o financiamento dos seus autores e bloqueando a monetização da indústria de fake news.

Mas isso não significa que a possibilidade de uma ruptura possa ser descartada. O presidente tem agido para minar as instituições, mesmo com os obstáculos que enfrentou. Pesquisadores da FGV, incluindo o professor da FGV-Direito Oscar Vilhena, apontam que o presidente usou em seu mandato expedientes para erodir a democracia e a institucionalidade. Entre eles, abusar do uso de normas infraconstitucionais, como decretos e medidas provisórias, além de minar por dentro órgãos de Estado. Faz parte dessa estratégia asfixiar entidades com cortes de verbas (como acontece na Educação) e subvertê-las por meio de dirigentes que se posicionem de forma oposta aos seus próprios princípios. Nesse último caso, os exemplos mais cabais são a indicação de Sérgio Camargo para a Fundação Palmares (que se volta contra a defesa dos negros e a luta por mais diversidade) e a de Ricardo Salles para o Ministério do Meio Ambiente (o ex-ministro desmontou os órgãos de fiscalização e é investigado até por favorecimento de quadrilhas de desmatamento ilegal). Isso pode se agravar num eventual segundo mandato.

A pandemia também serviu de pretexto para Bolsonaro tentar subtrair poder de prefeitos e governadores e para a ocupação militar do Ministério da Saúde, com consequências nefastas. Com a explosão dos casos da variante ômicron (não devidamente captados pelo apagão digital na pasta, mais um desmanche conveniente), o chefe do Executivo volta a usar o risco de lockdown como forma de atacar os gestores locais, a ciência e as autoridades sanitárias. Não aprendeu nada com a doença, continua investindo contra a vacinação e permanece ignorando a tragédia de mais de 620 mil mortos. "A

GARANTIDAS Como nas eleições de 2018 (foto), urnas eletrônicas vão preservar a lisura do pleito

ômicron não tem matado ninguém. Dizem até que seria um vírus vacinal. É bem-vinda", declarou em mais uma frase repugnante, ao mesmo tempo em que criava obstáculos para a imunização das crianças. Se permanecer no Planalto, o combate à Covid e a novas ameaças globais à Saúde, já previstas pelos especialistas, será ainda mais difícil.

Além de não combater a doença, o presidente enxergou nela a oportunidade de debilitar a democracia. "A nova ditadura não é de uma hora pra outra, vem aos poucos. Vai tirando pedaços da sua liberdade aqui e acolá. E quando você vê, está até a cintura na areia movediça, não tem como sair mais", afirmou na última segunda-feira, afrontando as medidas de restrição social para combater a doença que provavelmente serão novamente necessárias. Tentava reproduzir pela enésima vez a parábola orwelliana da ameaça representada pela implantação de um hipotético regime esquerdista, mas traiu suas próprias aspirações. Na prática, parecia descrever a sua própria tática para assaltar o Estado, que tem cada vez mais os órgãos de controle aparelhados e desvirtuados – o que ocorre até com a Polícia Federal, órgão vital que teve sua cúpula removida para seguir fielmente os interesses pessoais do presidente.

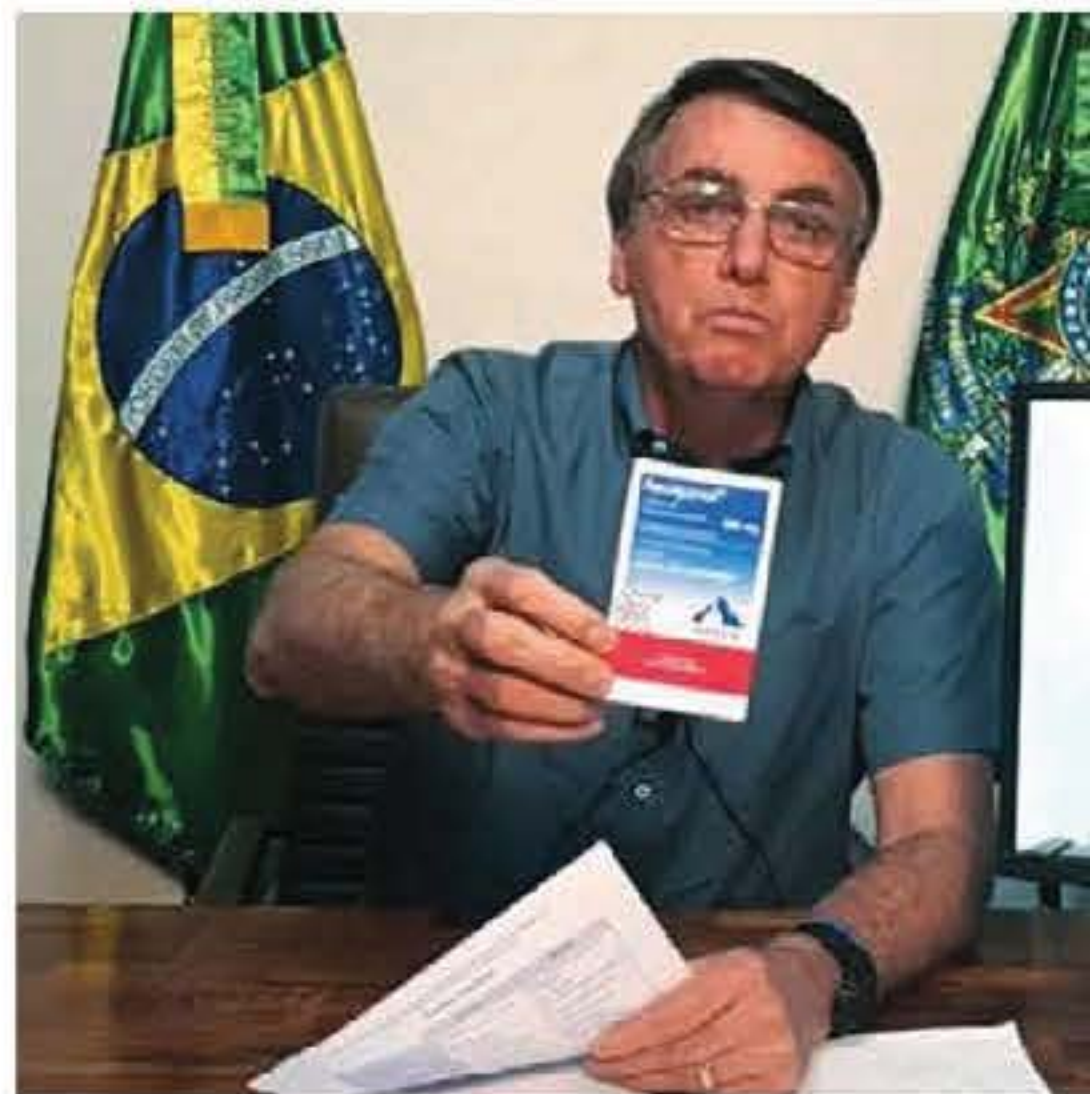
SETE DE SETEMBRO Bolsonaro na Avenida Paulista: manifestação foi o ápice da tentativa de desestabilizar as eleições, mas fracassou

Acuado pela corrupção no governo, exposta especialmente pelas compras fraudulentas de vacinas no Ministério da Saúde, o presidente tem negado até que o combate à corrupção tenha sido sua bandeira para chegar ao poder: "Eu não apareci em 2018 e falei que sou a favor da Lava Jato e vou combater a corrupção. Não foi isso. Minha história começa há muito tempo". É mais um embuste. Todos se lembram das cenas de Bolsonaro tentando assediar o então juiz Sergio Moro em um aeroporto em 2018. As manifestações anticorrupção turbinadas pela Lava Jato foram o principal laboratório para a cristalização do bolsonarismo. O atual presidente usou o movimento para se legitimar como candidato. Eleito, convidou o próprio Moro para seu ministério, para em seguida isolá-lo e operar na surdina para desmontar a operação. Com isso, conseguiu enredar os órgãos de controle para proteger os grupos fisiológicos capturados no Petrolão e no Mensalão que são sua principal base de sustentação no Congresso, além de impedir as investigações sobre os crimes de rachadinha no seu clã. O presidente não vai abrir mão dessa blindagem facilmente. E tem se esforçado para isso.

O maior movimento coordenado por ele até o momento para se perpetuar no poder e melar as eleições ocorreu no Sete de Setembro, quando mobilizou manifestações em Brasília e São Paulo e afirmou que não aceitaria mais as determinações do ministro Alexandre de Moraes – o juiz do STF está à frente dos principais inquéritos contra o mandatário e seus apoiadores. Desde então, Bolsonaro precisou recuar em suas investidas para não abrir espaço a um processo de impeachment e nem atiçar uma reação popular que seria fatal para ele. Um triunfo eleitoral em outubro, ao contrário, seria assumido imediatamente como uma revanche e um sinal verde para seu projeto autocrático.

Para isso acontecer, Bolsonaro tenta reverter sua impopularidade desesperadamente. Já faz isso por meio de programas eleitoreiros, feitos improvisadamente driblando o teto de gastos. É o caso do Auxílio Brasil, sucedâneo do Bolsa Família, empacotado para ele tentar aumentar sua penetração no Nordeste, região em que ainda é largamente rejeitado. Com a ajuda do Centrão, tenta também irrigar inúmeros projetos paroquiais e eleitoreiros espalhados pelo País por meio do orçamento secreto, uma aberração introduzida pelos aliados no Congresso para subverter a vontade popular, comprar

Bolsonaro usaria um eventual triunfo eleitoral como sinal verde para seu projeto autocrático e uma forma de revanche contra a Justiça

NO CERCADINHO Intolerante com as críticas, Bolsonaro ignora a imprensa e prega apenas aos simpatizantes no Palácio do Alvorada

FAKE NEWS Além de tentar bloquear vacinas, o falsas sobre a pandemia em lives; por isso, está

apoios políticos e fortalecer os caciques que aderiram ao seu projeto de poder.

Mesmo assim, esse plano enfrenta percalços. A economia, que será vital para o pleito, é plenamente desfavorável ao mandatário. Pesarão contra ele em outubro uma inflação de dois dígitos, altos índices de desemprego e risco de estagflação. O Banco Mundial acaba de revisar sua previsão do crescimento do Brasil este ano, de 2,5% para 1,4%. Ainda assim, a instituição é bem mais otimista do que consultoras e bancos brasileiros, que já preveem estagnação ou mesmo um PIB negativo até o final do ano. Mesmo a previsão positiva do Banco Mundial reflete a menor taxa de crescimento entre os 18 países emergentes analisados. Considerando 28 economias da América Latina e Caribe, o Brasil deve superar apenas o Haiti. É um péssimo prognóstico para um governo que vem anunciando desde o início uma época de prosperidade, mas até agora só entregou resultados pífios e recessão. Nem no seio do governo esse malogro passa em branco. Em sua justificativa para o estouro da meta de inflação em 2021 (10,06%), o próprio presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, elencou o descontrole fiscal como uma das causas. Entre economistas, não restam dúvidas. A crise econômica no Brasil foi fabricada pela incompetência do próprio governo, apesar dos truques retóricos de Paulo Guedes, que são recebidos cada vez com mais tédio e impaciência por empresários e agentes econômicos. Se o mandatário continuar no poder, esse cenário não pode ser revertido – é o cálculo que todos começam a fazer.

Apesar disso, há chances reais de o mandatário garantir mais quatro anos no Planalto. Analistas apontam as particularidades do próximo pleito, em que o antipetismo ainda pode jogar um papel relevante, beneficiando o atual morador do Palácio do Alvorada. "Desde o período da redemocratização, a gente nunca teve um presidente que afrontasse tanto as instituições, mas é preciso levar em consideração outros fatores que podem impactar o atual cenário", defende Bruno Soller, especialista em Comunicação Política pela George Washington University. Ele aponta que o líder atual nas pesquisas, o ex-presidente Lula, teve suas condenações anuladas por questões processuais, e não por ter sido isentado de corrupção. Isso pode pesar ao longo da corrida eleitoral. Esse é o cálculo que Bolsonaro fez ao facilitar a soltura e a reabilitação política de Lula. Mas pode ter errado na dose, criando um problema para si mesmo.

Mesmo com a eventual reeleição de Bolsonaro, cientistas políticos ponderam que as instituições já estão suficientemente maduras para suportar investidas autoritárias. "Não podemos esquecer que o País passou por dois impeachments nos últimos 30 anos, e foram respeitados todos os ritos do processo", pontua Soller. "A eleição de um personagem político diferente de Bolsonaro não traz exatamente estabilidade política, econômica e social. Mas traria mais estabilidade do que o governo Bolsonaro. Ele alimenta crises com suas declarações e atitudes, defende o indefensável. Ele só para seus ataques quando se sente realmente ameaçado", diz o cientista político Rubens Figueiredo. "O País passou nos últimos três anos pelo seu mais duro teste, com um governante que trabalha basicamente pela ruptura da democracia. Na outra ponta, ele tem um profundo desprezo por gestão. Tem sido um teste muito duro para nossa democracia. Espero que isso se encerre com o final do seu mandato", acrescenta Felipe Santa Cruz, presidente da OAB.

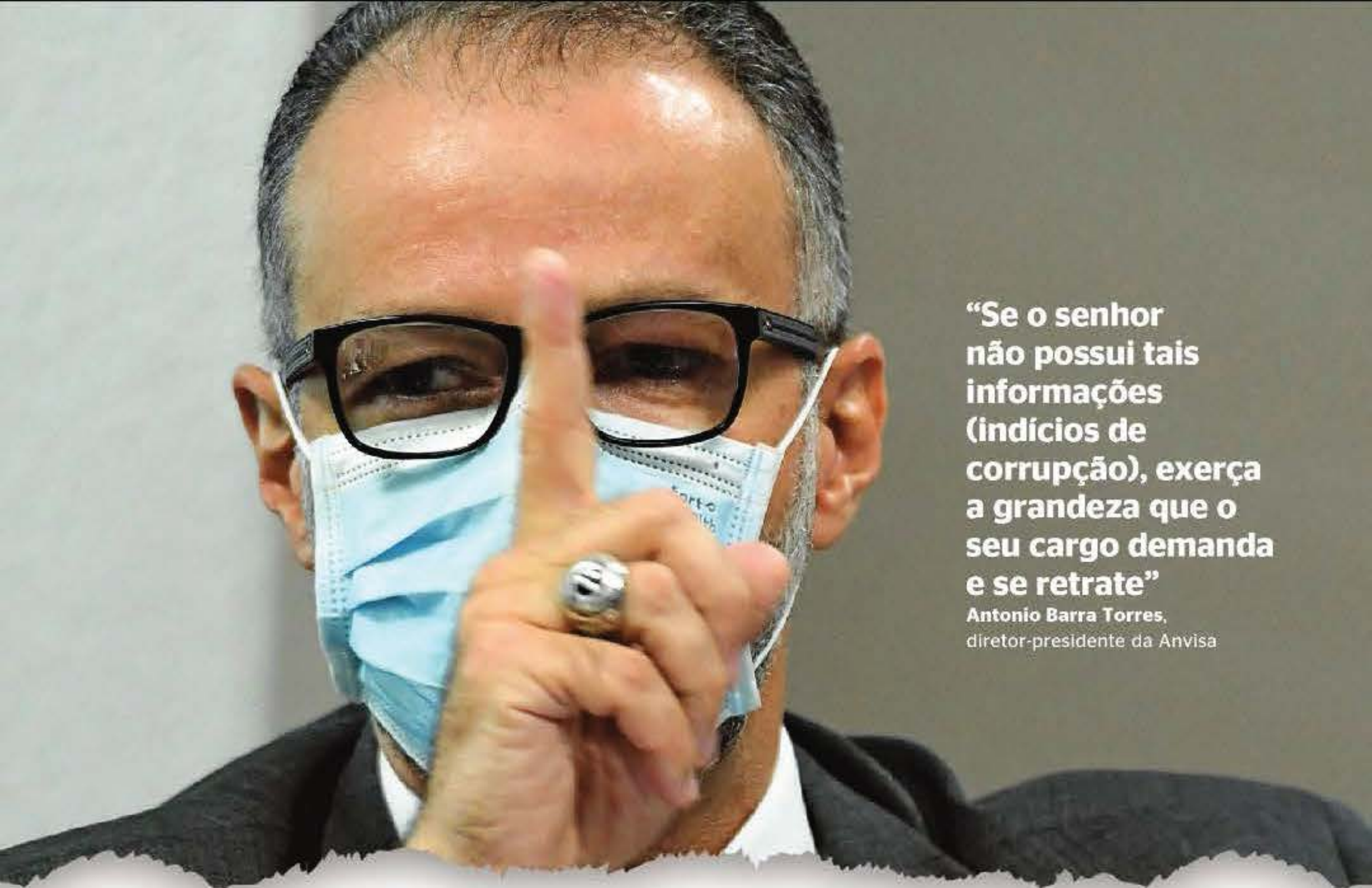
As eleições são, de qualquer forma, a

presidente divulgou notícias sendo investigado no STF

MARCHA CONTRA O STF O presidente tentou pressionar os ministros do Supremo e organizou até uma aparição de surpresa de empresários para intimidar a Corte, em 2020

única chance de interromper o projeto autoritário de Bolsonaro. Por isso, até o processo eleitoral precisa ser protegido. O risco de subversão das eleições, com o questionamento das urnas eleitorais, pode aumentar à medida que o chefe do Executivo se sinta fragilizado ou veja as chances reeleitorais minguarem. Num primeiro momento, seu ataque às urnas, copiado de Donald Trump, foi superado pela "Declaração à Nação" escrita às pressas pelo ex-presidente Michel Temer após o Sete de Setembro. Mas isso não significa que as redes digitais, inclusive clandestinas e robotizadas, não serão sacadas durante a campanha, escapando à vigilância de Justiça Eleitoral. Para lembrar esse risco, o presidente fez novos ataques na última quarta-feira aos ministros Luís Roberto Barroso e Alexandre de Moraes do STF, acusando-os de ameaçar e cassar "liberdade democráticas" com o objetivo, segundo ele, de beneficiar a candidatura de Lula (o que motivou essa nova explosão foram as investigações contra ele e seus aliados). "É possível que vivamos um Sete de Setembro permanente até as eleições. Haverá muito investimento de recursos públicos nas campanhas eleitorais deste ano", alerta a cientista política Juliana Fratini. Para ela, esta será uma campanha cheia de estereótipos e raiva.

PELA DEMOCRACIA Manifestante no Largo da Batata (São Paulo): presidente recuou nas ações golpistas para evitar impeachment

Em outubro, o País terá um encontro com seu destino. Em pleitos passados, o País rejeitou o populismo de esquerda, referendou o Plano Real e chancelou o PT apenas quando este partido se mostrou moderado. A estabilização monetária, implantada pelo governo FHC, é um pilar da sociedade até hoje. Esses valores precisam ser preservados, assim como o espírito da Constituição de 1988. A substituição de Bolsonaro não é apenas um salutar movimento de alternância no poder. Ela é necessária para evitar que o bolsonarismo se constitua em movimento perene de ameaça à ordem institucional. Ainda que o presidente não tenha a mesma habilidade de Trump, ele pode exercer uma influência nociva antidemocrática. Bolsonaro não precisa apenas ser derrotado eleitoralmente. O mal que representa precisa ser extirpado, para que o País retome o curso do desenvolvimento e do amadurecimento democrático, um ideal que segue ameaçado por aventureiros e extremistas. ■

FOTOS: REPRODUÇÃO; MARCOS CORRÊA/PR; REPRODUÇÃO

"Se o senhor não possui tais informações (indícios de corrupção), exerça a grandeza que o seu cargo demanda e se retrate"
Antonio Barra Torres, diretor-presidente da Anvisa

Militares **contra**

Integrantes influentes das Forças Armadas **enfrentam o presidente**, no maior movimento de fardados **contra as pretensões autoritárias de Bolsonaro** desde o início da gestão. O chefe da Anvisa, o comandante do Exército, o presidente da Petrobras e até o ex-ministro da Defesa **adotaram posições que contrariam** o mandatário. Por trás disso está o desejo de preservar as **instituições**

Ricardo Chapola

As ações irresponsáveis de Bolsonaro estão custando caro a ele e já colocam em xeque até mesmo o pouco apoio que tinha dentro das Forças Armadas. O recado chegou ao mandatário da pior forma possível: por militares de alta patente que compõem o governo. Quem puxou o movimento foi o diretor-presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), o contra-almirante e médico Antonio Barra Torres, ao enviar uma dura carta em resposta às insinuações feitas por Bolsonaro de que o órgão tinha interesses escusos na vacinação de crianças contra a Covid. Evocando sua carreira de militar, disse que o presidente deveria determinar uma investigação, sob risco de cometer prevaricação. "Se o senhor não possui tais informações (indícios de corrupção), exerça a grandeza que o seu cargo demanda e se retrate", dizia a carta.

Irritado, Bolsonaro se queixou, mas evitou criticar o chefe da Anvisa, dizendo apenas que não havia falado a palavra "corrupção". No seu entorno, especula-se que ele tinha receio de atrair ainda mais militares contra si caso peitasse o contra-almirante. Barra Torres não baixou o tom e ainda retrucou. "Não é razoável, não é justo dizer que a Anvisa está com algum tipo de intenção. A agência não tem intenção, não tem opinião. A Anvisa decide e oferece o resultado da decisão ao ministério, que escolhe", disse. Aproveitou para reclamar dos ataques aos seus subordinados em razão das ameaças feitas pelo mandatário de que divulgaria publicamente os nomes daqueles que trabalharam para autorizar a imunização de crianças.

NO TSE
Demitido por Bolsonaro, o ex-ministro da Defesa Fernando Azevedo e Silva vai zelar pelas urnas eletrônicas

Bolsonaro

O movimento é simbólico, já que ocorre após militares importantes terem se embrenhado totalmente no bolsonarismo e tido que lidar, calados, com frustrações patrocinadas pelo capitão. Em março do ano passado, Bolsonaro provocou a maior crise militar desde a redemocratização ao realizar a troca arbitrária na cúpula das Forças Armadas. Apesar da discrição dos militares que saíram, ficou patente que eles se recusavam a politizar os quartéis.

A bronca do contra-almirante a Bolsonaro acontece ao mesmo tempo em que o comando do Exército - justamente o mesmo escolhido pelo capitão em 2021 - também fez questão de marcar posição contra o mandatário. Sob a batuta do comandante Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, o Exército divulgou novas orientações com 52 diretrizes para combater a pandemia na caserna, incluindo o uso de máscaras, a vacinação de militares antes do retorno ao trabalho presencial, o distanciamento social e a punição para aqueles que divulgarem notícias falsas - exatamente o contrário de tudo aquilo que Bolsonaro defendeu até aqui. As medidas do comandante irritaram bastante o mandatário, que até tentou intervir para que a cúpula do Exército publicasse uma nova versão do documento, com recomendações mais alinhadas ao governo. Uma das mudanças que o Planalto exigia no novo documento era retirar do texto a exigência de vacinação de militares como condição para que retornassem ao trabalho. As ações do capitão, porém, não tiveram sucesso, uma novidade na rotina de Bolsonaro que, antes, não enfrentava tanta resistência das Forças Armadas diante de suas ordens.

Outro militar influente do governo que passou a manifestar publicamente divergências a Bolsonaro é o presidente

FOTOS: JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO; RICARDO BORGES/FOLHAPRESS

NOS QUARTÉIS
O comandante do Exército, general Paulo Sérgio Nogueira, instruiu as tropas a não divulgarem fake news

da Petrobras, o general Joaquim Silva e Luna. Ele está há 9 meses no cargo e chegou até lá por indicação do mandatário, que desejava controlar diretamente a maior estatal brasileira. O objetivo era manipular o preço dos combustíveis. O presidente da Petrobras refutou a tese de que isso seja uma questão que possa ser gerida pelo governo. E disse que o papel da estatal "não é fazer política", em uma crítica pouco sutil ao seu chefe, acostumado a instrumentalizar os órgãos federais com o objetivo de conseguir aquilo que deseja. "O que regula o preço é o mercado. Ainda há pessoas que consideram, por desinformação ou outro motivo, que a Petrobras deva ser responsável pela redução do preço. Ela não tem condições de fazer isso", afirmou o general. "A Petrobras tem responsabilidade social e procura cumpri-la. Mas ela não pode fazer política pública. Ela coloca recursos nas mãos de quem pode fazer".

Outra frente de ataque veio exatamente do ex-ministro da Defesa demitido em 2021. Substituído por Bolsonaro junto com os três comandantes das Forças Armadas em março passado, o general Fernando Azevedo e Silva resolveu garantir a lisura das eleições defendendo as urnas eletrônicas, que foram o principal alvo de Bolsonaro no Sete de Setembro. A partir deste ano, em que ocorrem eleições presidenciais, o general passa a desempenhar a função de diretor-geral do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), órgão bastante atacado pelo capitão no ano passado, quando levantou suspeitas sobre o sistema de votação. O general já indicou que sua chegada ao TSE tem a ver com uma tentativa de neutralizar as contestações do resultado das urnas no ano em que o capitão disputa a reeleição. Em outras palavras, desconsiderando o linguajar técnico próprio da caserna, vai impedir que Bolsonaro tente melar as eleições contestando os resultados, como Donald Trump fez nos EUA.

Todas essas iniciativas simbolizam o maior movimento de distanciamento dos militares de Bolsonaro desde o início do mandato. É como se tivessem traçado uma linha em defesa da democracia e das instituições justamente quando o processo eleitoral começa a esquentar. "A diferença desses militares que se manifestaram para os outros que também pertencem ao governo, mas estão calados, é a coerência. A lealdade ao presidente dos que estão em silêncio supera e muito a coerência que deveriam ter à frente de seus cargos", afirmou um importante general da reserva que já foi muito próximo ao mandatário. Com mais esse desembarque de aliados fardados, Bolsonaro se mostra cada dia mais isolado e incapaz de reverter o cenário que aponta para sua derrota na disputa que se avizinha neste ano. ■

"O papel da Petrobras não é fazer política. Ela tem responsabilidade social e procura cumpri-la"
Joaquim Silva e Luna, presidente da Petrobras

FOTOS: REPRODUÇÃO TWITTER/GEN. PAULO SÉRGIO; ERALDO PERES/AP

A rebelião das agências

ANSIEDADE Sandoval Feitosa foi anunciado diretor-geral nove meses antes da transição: ingerência política

A exemplo da Anvisa, a Aneel também questiona as intromissões de Bolsonaro no órgão. Funcionários criticam a antecipação atípica na troca da direção *Ricardo Chapola*

Assim como aconteceu na Anvisa, a cúpula de outra agência reguladora decidiu se rebelar contra as tentativas de interferência política promovidas pelo presidente. A chefia da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) passou a reclamar das intromissões do Planalto num momento bastante delicado, em que o País atravessa um período de disparada no preço das contas de luz — haverá mais um reajuste de 21% para este ano.

Segundo apurou a ISTOÉ, o motivo que despertou insatisfação na Aneel foi o fato de Bolsonaro já ter anunciado um novo diretor-geral da agência, nove meses antes do fim do mandato do atual chefe do órgão, André Pepitone, que deixará a cadeira no dia 14 de agosto. Por ordem do capitão, em dezembro o governo antecipou a indicação do nome de Sandoval Feitosa para o lugar ocupado por Pepitone. Nunca tinha ocorrido uma indicação com tamanha antecedência. Membro do corpo diretivo do órgão desde a gestão de Michel Temer, Feitosa foi avalizado para a vaga pelo ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP), um dos principais líderes do Centrão. A avaliação interna é de que o governo tem deixado de lado o sério problema da seca. Procurado, o presidente da Aneel não se manifestou.

"Fazer isso com 9 meses de antecedência repercute muito mal no mercado. Soa como interferência política. A maioria do capital investido no setor para contornar a crise vem de fora. Isso traz insegurança para o investidor externo no momento mais inoportuno possível", afirmou um importante diretor da agência. Nesta semana, a BlackRock, um dos maiores fundos de investimento do mundo, anunciou que não injetará um centavo no Brasil enquanto Bolsonaro for presidente. A decisão foi anunciada pela head do grupo na América Latina, Domink Rohe. Trata-se de um dos principais investidores na área de energia do País.

Desde o ano passado, o País passa pela pior crise hídrica de sua história. Ressaltando a gravidade da situação, uma auditoria realizada pelo TCU constatou que o governo Bolsonaro "não possui plano estratégico" para tentar minimizar os efeitos da crise hídrica. O documento concluiu ainda que a falta de ações prejudicou todo o planejamento e prevê que esse problema culminará em impactos tarifários, diretamente no bolso do cidadão. "Não há um plano de contingência para situações críticas, resultando em medidas tomadas de maneira açodada e com pouca previsibilidade", diz o texto. ■

CRISE Represa de Furnas (MG) enfrenta uma rigorosa estiagem: risco de faltar energia

FOTOS: DIVULGAÇÃO MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA; JOEL SILVA/FOLHAPRESS

LULA LINHA DURA

Esqueçam a ideia do Lulinha paz e amor. A nova versão do candidato para as eleições de outubro será mais PT-raiz e menos nutella

Eudes Lima

Embalado pela liderança nas pesquisas eleitorais, Lula resolveu ressuscitar sua persona sindicalista e voltou-se para suas origens no PT. O presidenciável abandonou o tom conciliador e mostra as garras do sindicalista. É uma meia-volta total. Para superar as derrotas seguidas em vários pleitos, o petista apresentou, em 2002, a Carta aos Brasileiros em que acenava para o País que respeitaria as regras democráticas e o bom senso macroeconômico, além de oficializar o empresário José Alencar como seu vice. O candidato escreveu, em 2002, que se fosse eleito traria um novo modelo, "fruto de uma ampla negociação nacional, que deve conduzir a uma autêntica aliança pelo País, a um novo contrato social, capaz de assegurar o crescimento com estabilidade". O mercado se tranquilizou e nenhuma ruptura estava no horizonte, como realmente aconteceu.

Hoje, o flerte com o ex-governador Geraldo Alckmin parecia ser um *déjà vu*, mas as coincidências terminam aí. A tendência é que pactos firmados sejam quebrados, o teto de gastos seja abandonado, as leis trabalhistas sejam reavaliadas, a regulação da mídia (ou seja, censura) sejam rediscutidas, todas as privatizações em estudo sejam interrompidas, a Petrobras seja utilizada para políticas econômicas (com a interferência nos preços dos combustíveis) e

ESQUERDA
Motivado com a liderança nas pesquisas, Lula volta às velhas propostas econômicas do PT

dívidas de microempresários e de estudantes com o financiamento estudantil sejam anistiadas (estes últimos já ganharam esse benefício com Bolsonaro). É a volta das políticas desenvolvimentistas (que levaram o governo Dilma ao colapso), com a reafirmação de uma candidatura esquerdista e com propostas destoantes do mercado.

Zombando do empresariado, a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, afirmou que não é preciso a campanha petista reeditar um documento como a Carta aos Brasileiros. No entanto, disse que não irá "quebrar contratos". Mas advertiu: "E não tem mimimi do mercado". Ela é uma das figuras de maior confiança do ex-presidente no partido. No Twitter, a ex-senadora escreveu que irá revogar a "lei do teto, uma reforma que não gerou empregos, a política de preços dos alimentos, deter a privatização selvagem e rever os contratos lesivos ao País". Ela também é porta-voz do pensamento do partido a respeito da dolarização dos combustíveis que, segundo Gleisi, foi "para enriquecer acionistas da Petrobrás às custas do povo".

"Não tem necessidade de carta ao povo brasileiro, as pessoas já conhecem o Lula. A única coisa que não vamos fazer é quebrar contratos. O resto nós vamos fazer. E não tem mimimi do mercado"
Gleisi Hoffmann, senadora

ESPANTO

Os sinais do futuro programa econômico petista criaram ruídos entre empresários, economistas e aliados de Lula. Foi a maior fonte de desgaste da campanha desde que Lula declarou a jornalistas espanholas que apoiava a ditadura de Daniel Ortega na Nicarágua. Enquanto a maioria esperava que o petista elegesse como porta-voz na economia um acadêmico, vinculado à Unicamp (Guilherme Mello era um candidato natural), Lula escalou o ex-ministro Guido Mantega para escrever sobre o pensamento econômico do presidenciável em artigo para o jornal "Folha de S.Paulo". Foi um desastre. Mantega esteve à frente da Economia de 2006 a 2014 e caiu em desgraça após patrocinar a maior recessão da história do País, na gestão Dilma. O ex-ministro estava escanteado. Mas, como se sabe, a liderança de Lula se sobrepõe às decisões racionais na legenda. O ex-presidente corroborou que manterá a economia sob seu controle. Esse é um recado para o ambiente político, em que os partidos cobiçam o cargo, inclusive o próprio PT. No artigo, Mantega inclusive omite o fiasco da recessão, numa demonstração de desonestidade intelectual que espantou economistas. Limita-se a criticar o presidente Bolsonaro e "pula" em sua análise os números do desastre de 2014 a 2016.

Outro episódio que causou ruído foi a publicação de Lula no Twitter elogiando as iniciativas para uma contrarreforma trabalhista, motivadas no exemplo espanhol. "Importante que os brasileiros acompanhem de perto o que está acontecendo na reforma trabalhista da Espanha, onde o presidente Pedro Sánchez está trabalhando para recuperar direitos dos trabalhadores." Desconsiderou vantagens introduzidas pela norma, como a possibilidade de trabalho remoto. Os sindicalistas se empolgaram, já que sonham com a volta do imposto sindical. O ânimo no tema é tamanho que, na terça-feira, 11, houve uma reunião virtual com representantes espanhóis e os principais nomes da pauta trabalhista da campanha: Lula, Gleisi, Aloizio Mercadante e as seis principais centrais sindicais (CUT, Força Sindical, UGT, CTB, Nova Central e Intersindical). Ex-tucano, Alckmin aproveitou para vazar que estava "incomodado" com essa proposta, apesar de ela ser defendida abertamente pelo PT nos últimos anos. O gesto foi interpretado como uma forma de "aumentar seu passe" nas negociações para vice na chapa petista.

A ofensiva petista mostra que Lula acha que tem cacife suficiente (ou falta de novas ideias, diriam os críticos) para bancar propostas antigas, anacrônicas e que já se mostraram temerárias. As mágoas de uma prisão de 580 dias, injusta, segundo Lula e seus partidários, retirou o verniz negociador do sindicalista. Abandonado pelo empresariado e por políticos, que dividiram com ele a glória em anos de bonança na Presidência, ele parece estar mais influenciado pelos companheiros que o defenderam nos anos de vacas magras. O curso da campanha vai indicar até que ponto ele vai se agarrar a velhas teses. Ele pode estar pregando a convertidos, erro que o próprio Bolsonaro comete. Ou seu pragmatismo (e faro político) falará mais alto. ■

FOTOS: SUAMY BEYDOUN/AGIF/ESTADÃO CONTEÚDO; MATEUS BONOMI/AGIF VIA AFP

IMPUNIDADE

O ministro Fábio Faria prestigia evento nos EUA ao lado do blogueiro Allan dos Santos, que está foragido. É um deboche. Fontes ligadas à PF consideram que o governo Bolsonaro conseguiu travar o processo de prisão do bolsonarista pela Interpol

Ricardo Chapola

A presença de Allan dos Santos em um evento evangélico nos EUA ao lado do ministro das Comunicações, Fábio Faria, representou mais um deboche do governo à Justiça e uma celebração da impunidade. Revela não apenas o apoio tácito a um foragido, mas desperta a suspeita de uma atuação nos bastidores para impedir que aliados sejam punidos, como no caso do blogueiro extremista.

Allan dos Santos foi alvo de uma ordem de prisão emitida pelo STF em outubro passado. Uma das pessoas mais próximas da família Bolsonaro, o blogueiro é alvo de dois inquéritos na Corte: o que investiga divulgação de fake news e ataques a integrantes do Judiciário, além daquele que apura a atuação de uma milícia digital que atenta contra a democracia e as instituições. Apesar disso, Santos continua à solta, mesmo depois de o STF ter mandado incluir o seu nome na lista vermelha da Interpol, onde figuram criminosos procurados pelo mundo. O que também não aconteceu até agora. E não por acaso.

Essa determinação, uma praxe entre pessoas procuradas no exterior, já tinha desencadeado uma série de demissões de delegados na Polícia Federal que estavam cuidando do processo de extradição e da inclusão do nome de Allan na base de dados da Interpol. Depois dessa crise, não se teve mais notícia sobre o avanço do processo envolvendo o blogueiro. ISTOÉ apurou que existe a possibilidade de que essa inclusão na lista vermelha não ocorra mais, o que representaria um desacato inédito a uma ordem judicial vinda da mais alta Corte do País. No STF, o ambiente é de total desconforto em razão de a prisão ainda não ter sido realizada, com o agravante de que o paradeiro de Allan dos Santos é conhecido.

Delegados e especialistas ouvidos pela ISTOÉ sustentam que a paralisação do processo de extradição tem duas explicações possíveis. A primeira é que a documentação tenha ficado retida na chefia da Interpol do Brasil a pedido do diretor-geral da PF, Paulo Maiurino, aliado de primeira hora de Bolsonaro. A outra é que Maiurino tenha convencido dirigentes da Interpol em Lyon de que o mandado de prisão tinha motivações políticas, o que, pela regra, impediria de inseri-lo na relação de foragidos. O chefe da PF pode ter contado, inclusive, com a ajuda de delegados

OSTENTAÇÃO

ÀS CLARAS O blogueiro Allan dos Santos (de óculos) e o ministro Fábio Faria (de blusa bege) participam de evento conservador na Flórida, nos EUA

da PF que trabalham na sede da instituição na França e são indicados pelo próprio chefe da corporação. "Maiurino e o ministro da Justiça têm a máquina da cooperação internacional nas mãos", disse um delegado que já chefiou a Interpol.

INTERPOL

O extremista deixou o Brasil em julho do ano passado após ter sido alvo de operações policiais. Ele chegou aos EUA com visto de turista vencido e trocou mensagens com Eduardo Bolsonaro para pedir ajuda. Questionada sobre os motivos de Allan dos Santos ainda não ter sido incluído na lista de difusão vermelha, a Interpol de Lyon informou que não comenta casos individuais. A PF também não respondeu às perguntas feitas pela ISTOÉ e sugeriu que o nome do blogueiro bolsonarista tenha sido incluído em uma lista vermelha "restrita". Um delegado afirmou à ISTOÉ que a resposta dada pela PF "não faz o menor sentido", já que essa lista contempla apenas nomes de criminosos que não sabem que estão sendo procurados pela Justiça – o que não é o caso de Allan dos Santos.

Com a repercussão negativa, Fábio Farias disse que não sabia que Allan dos Santos também estaria presente ao evento, para o qual foi convidado por um pastor. Ele ainda acusou o blogueiro de tentar arrastar o governo para uma nova crise. Santos não deixou barato e respondeu ao ministro com outro ataque. No Telegram, Santos relembrou que Faria foi citado em delações premiadas da Odebrecht por supostos repasses ilegais feitos a ele e ao seu pai, ex-governador do Rio Grande do Norte. O apelido do ministro na lista da Odebrecht seria "Bonitão ou Garanhão". "Se ele precisa e deseja um poodle para chamar de seu, ao menos reconheça que não sou um pet. O Marcelo Odebrecht nunca me apelidou de nada", escreveu Santos. O blogueiro não foi o único encrencado com a Justiça a participar do evento na Flórida. Também compareceu Victor Sorrentino, bolsonarista que foi preso no Egito após divulgar um vídeo com comentários sexistas a uma vendedora muçulmana. Outro símbolo da impunidade do governo Bolsonaro também está voltando aos holofotes: Fabrício Queiroz. Depois de deixar a cadeia, Queiroz planeja entrar para a política e já negocia sua filiação ao PTB. O ex-PM é apontado como organizador do esquema de rachadinhas no antigo gabinete de Flávio Bolsonaro na Alerj. Mas as investigações acabaram arquivadas, graças às articulações obscuras adotadas pelo presidente. ■

EMPODERADOS Fabrício Queiroz em foto ao lado do presidente. Victor Sorrentino (abaixo), que havia sido preso no Egito, também esteve na Flórida

FOTOS: REPRODUÇÃO INSTAGRAM ANDRÉ VALADÃO; REPRODUÇÃO REDES SOCIAIS

SONHO Filho do presidente tenta emplacar em nova carreira: radialista

Enquanto a PF não vem

Em uma jogada de marketing, a rádio Sucesso News lançou um programa comandado por Renan Bolsonaro. Se depender da audência inicial, essa foi a primeira e única edição

Eudes Lima

A estreia de Renan Bolsonaro em um programa de rádio atraiu muita curiosidade no início do ano. Em primeiro lugar, é claro, porque ele é filho do presidente da República. A segunda razão deve-se ao fato de Renan estar na berlinda por vir demonstrando que não nega o DNA da família: ele é investigado pela Polícia Federal sob a suspeita de tráfico de influência e lavagem de dinheiro. Intitulado "Podcast Zero 4", o programa apresenta entretenimento e "algumas polêmicas". Renan tinha em mente voos mais altos e sonhava em ser um "brother". Com o orgulho ferido, ele disfarça dizendo que não queria participar do BBB22, da Rede Globo. Pura dor de cotovelo. Queria sim, mas nunca foi convidado.

A pauta, pelo menos do programa inicial, foi definida por Renan, que chamou sertanejos: Dalmi Junior e a dupla Caio e Henrique. O papo girou em torno do próprio apresentador. Convidado para ir ao camarote do show da dupla, o 04 disse: "me dá os convites que eu levo o resto de mulher". Na sequência, os cantores responderam que costuma terminar a noite "na casa de entretenimento adulto". O influencer emendou: "me convida para esse 'after' aí, me convida para essa revoada". Puro machismo.

CONVIDADOS Os sertanejos Dalmi Junior e a dupla Caio e Henrique: conversa machista

O diretor da Rádio Sucesso News, com sede em Brasília, Pedro Henrique Santos, falou à ISTOÉ que a ideia surgiu depois de Renan participar de um programa da emissora. Seu contrato é em forma de parceria, ou seja, não recebe e não paga pelo horário — o que for arrecadado será dividido igualmente entre as partes. Acordado "no fio do bigode", ele não pode defender falas ou atos antidemocráticos e nem incentivar a não vacinação contra a Covid-19. Espalhar fake news sobre urnas eletrônicas, nem sonhando. "Existem algumas palavras que a gente não permite", contou Santos. Ele espera que sua jogada de marketing de colocar no ar o filho do presidente renda-lhe boa audiência. Embora afirme que a estreia "bombou", a verdade é que não mais de 1.700 pessoas (no Instagram) e pouco mais de 500 (no Youtube) aguentaram as duas horas do programa. ■

FOTOS: REPRODUÇÃO

SÉCULO 19 Dom Pedro I: fase embrionária do Brasil como Nação

Se é para felicidade geral da

SÉCULO 21 Protesto contra Bolsonaro: o presidente ameaça solapar a democracia

Nação, diga ao povo que... FUI

Há 200 anos, a população e as elites se uniram para Dom Pedro I aqui permanecer. Deu certo! Agora, unem-se novamente pedindo a saída de Bolsonaro. Tem de dar certo também!

Antonio Carlos Prado

O Brasil já tem o seu Dia do Fico: 9 de janeiro. Foi em 1822 e significou historicamente o marco embrionário de nossa identidade enquanto Nação, construído tanto pela reação popular quanto pela ação de setores da elite agrária, política e intelectual contra um regime que se desenhava, além mar, autoritário - o das Cortes Constituintes portuguesas. Agora, duzentos anos depois, o Brasil quer ter o seu Dia do Cai Fora: livrar-se politicamente, pelas vias constitucionais, do presidente Jair Bolsonaro, exatamente para não correr o risco de ser anulado como a Nação que ganhou sopro de vida dois séculos atrás - e, novamente, a sociedade civil se mobiliza para enfrentar o autoritarismo, que dessa vez está em nosso próprio território. O Dia do Fico refere-se a Dom Pedro I, querido pelo povo e demais estamentos sociais à época em que exerceu a função de máxima autoridade do País. O Dia do Cai Fora, como já dito, diz respeito a Bolsonaro, a cada instante menos apoiado pela população e já praticamente isolado, no exercício do mandato, pelos setores empresarial, agrário, financeiro, político, intelectual, artístico e cultural. A sua gestão é atualmente aprovada por somente 22% da população e desaprovada por 53% dos brasileiros.

Vamos aos primórdios, depois ao presente, tendo sempre em mente a seguinte frase: temor do retrocesso. Com medo do avanço de Napoleão, o então príncipe regente de Portugal Dom João transfere-se em 1808 com toda a Corte para o Brasil colônia. Vieram cerca de quinze mil pessoas, entre cientistas, intelectuais, sacerdotes, magistrados e burocratas - eis nossa tradição cartorial. E vieram ainda bibliotecas e maquinas de impressão. O próprio Estado e as próprias instituições aqui desembarcaram, e a colônia viveu dias de progresso, tanto que em 1815 ganhou o status de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. No início, de ruim, deu-se a expropriação à força das boas casas que Dom João quis para seus companheiros, e as que serviam eram marcadas com as iniciais "P.R" - ou seja, Príncipe Regente. Mas, ao mesmo tempo, a população aplaudia o progresso e adorava ver o bonachão João na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, devorando pedaços de frango que tirava dos bolsos.

Em 1820 estourou na cidade portuguesa do Porto a Revolução Liberal (só no nome, como qualificou José Bonifácio de Andrada e Silva) e Dom João teve de retornar. Disse ao filho Pedro: "põe a coroa sobre tua cabeça antes que algum aventureiro lance mão". Pedro o fez. Após um ano, a Revolução exigiu também a sua volta. Povo e elites protestaram, preocupados com o retrocesso que viria porque o Brasil seria rebaixado novamente à condição de colônia e perderia as vantagens comerciais. Chega-se, assim, à data de 9 de janeiro de 1822. Oito mil assinaturas são colhidas. Fala Pedro: "se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico".

Mantenhamos ainda conosco a expressão acima pedida: temor do retrocesso. É igualmente isso que ocorre hoje em dia, tendo no comando do País um homem que vive agredindo as instituições democráticas, os direitos humanos, as conquistas civis, aparelha o Estado, elogia torturadores, dá de ombros para os mortos pela Covid, tenta impedir que crianças se salvem da pandemia, fez da economia uma naúfraga, quer transformar o regime democrático em fascismo - e é inimigo do batente. Manifestações de rua, a firme ação do STF, pedidos de processo de impeachment, e, mais uma vez, a intervenção das elites empresarial, financeira, agrária, estudantil, artística e intelectual impedem-no de golpear a República. Lá atrás, a mobilização implorava para que o moço, recém-deixado de ser imberbe, ficasse; agora se implora para o marmanjão partir. As mobilizações, de antes e do presente, aproximam-se, uma da outra, na defesa do Brasil. A primeira manteve Pedro. A segunda é como se já tivesse fixado na alma duas outras iniciais. Lembram do "P.R" de que falamos? Agora é "F.B". Fácil adivinhar: "Fora Bolsonaro". ■

FOTOS: NEW YORK PUBLIC LIBRARY/REPRODUÇÃO; ARTHUR MENESSECA/METRÓPOLES

Plataforma de informação

O jornalismo da **Editora Três** sempre contribuiu para o fortalecimento do Brasil. Entregamos aos leitores o acesso completo à informação e opinião, de maneira ágil e precisa, seja pela internet, redes sociais ou na versão impressa. Por isso, para se manter bem informado e capaz de dialogar sobre os conteúdos relevantes para a sociedade, escolha nossas marcas.

www.istoe.com.br

Uma revista semanal com jornalismo de qualidade, para ajudar o leitor a esclarecer o que é falso e o que é verdadeiro diante dos acontecimentos do Brasil e do mundo.

www.istoedinheiro.com.br

Única revista semanal de negócios, economia e finanças do País, avaliando e informando sobre tudo o que acontece no mercado.

Siga também pelas redes sociais

Siga pelas redes sociais as notícias de última hora, a atualização dos fatos e novidades quentíssimas a qualquer hora e qualquer lugar.

www.revistamenu.com.br
www.revistaplaneta.com.br

e conteúdo

www.motorshow.com.br

A melhor informação para os apaixonados por velocidade, com notícias sobre os esportes a motor, conselhos para o consumidor e avaliações detalhadas sobre os carros à venda no Brasil.

Capas ilustrativas

www.dinheirorural.com.br

A mais completa revista sobre o agronegócio, informando e contribuindo para fortalecer os empresários e investidores do campo.

Todas as informações sobre o mundo das artes visuais e cultura contemporânea no Brasil e no mundo, com projeto gráfico ousado.

www.select.art.br

Já nas melhores bancas de sua cidade.

Para anunciar

Conecte sua marca ao público mais qualificado do segmento. Entre em contato com nossa equipe e anuncie. **(11) 3618-4269**

RECONHECIMENTO Produção no Sul da Bahia e no Pará: conquista do paladar dos melhores *chocolatiers* do mundo

A evolução do cacau

Depois de duas décadas investindo na qualificação de mão de obra e melhorando o País ganha reconhecimento no mercado internacional de matéria-prima para

Uma janela de negócios muito importante para o Brasil no mercado externo foi aberta em 2019, quando a International Cocoa Organization (IOC) reconheceu o País como produtor de cacau fino de aroma para exportação. Hoje, 100% do que é exportado nesse segmento têm essa qualificação, com base em estudos da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac). Ainda há o que evoluir, tanto no caso do cacau de qualidade extrema como no resultado final — o chocolate "bean-to-barn" (do grão à barra). Mas importantes prêmios internacionais atestam: os melhores chocolatiers do mundo apostam no desenvolvimento da matéria-prima brasileira.

A empresária Carolina Neugebauer, da Cacau Noir, afirma que as fazendas vêm fazendo um ótimo trabalho, ainda que seja preciso aprimorar ainda mais o processo de qualidade. Sua família fundou a primeira fábrica de chocolate nacional, em Porto Alegre, ainda em 1903, mas a empresária — eleita pela revista *Forbes* entre os destaques até 30 anos do Brasil em 2021 — optou por investir em produtos de excelência. Os frutos têm origem na fazenda Gandu, no Sul da Bahia, e de famílias agricultoras do Pará, e Carolina acredita que até pela produção sustentável o Brasil possa se destacar ainda mais na cena internacional nos próximos anos.

Depois da praga da vassoura-de-bruxa de 1989, a retomada "na cabruca" (sistema de agrofloresta, com cacaueiros à sombra das árvores nativas) se deu com uma importante evolução técnico-científica, de acordo com Orlantildes Pereira, presidente da Coopercabruca, que reúne 14 cooperativas menores do Sul da Bahia. Esse avanço passou pela qualificação de mão de obra, exigências na hibridagem de sementes e em todo o processo de produção, principalmente na fermentação, para ressaltar sabores frutais, florais, amendoados. Hoje a Coopercabruca certifica o cacau fino de 105 produtores pequenos e médios, com a Indicação Geográfica (IG) "Sul da Bahia". Em 2021, meia tonelada de líquor (amêndoas torradas e prensadas) foi exportada para uma associação suíça, que deve colocar no

FOTOS: DIVULGAÇÃO; CLAUDIO GATTI; ISTOCKPHOTOS

SOFISTICAÇÃO
A empresária Carolina Neugebauer, proprietária da Cacau Noir, aposta em produtos nobres: negócio em ascensão

SUSTENTABILIDADE
Frutos perfeitos são obtidos pelo sistema de agrofloresta: cacaueiros plantados à sombra de árvores nativas e riqueza de sabores

brasileiro

cientificamente o processo de produção, chocolates requintados

Denise Mirás

QUALIDADE
João Tavares, maior produtor de cacau fino do Brasil, foi premiado no Salão de Paris: denominação de origem

mercado um chocolate com marca de origem. Premiações internacionais atestam há uma década o reconhecimento do segmento fino de cacau e de chocolates brasileiros. Em dezembro de 2021, o País chegou a uma tríplice premiação, inédita, no Salão do Chocolate de Paris. João Tavares, maior produtor de cacau fino no país, e sua mãe foram ouro e prata do continente com amostras de fazendas do Sul da Bahia (ele já tinha sido premiado em 2010 e 2011); e o produtor familiar João Evangelista levou uma prata para o Pará. A família Tavares produz cacau desde 1913, mas o produtor ainda vê distância de denominações por terroirs, como no caso de vinhos, "porque a variedade de solo, clima, topografia de cada local é grande e a comercialização é mais por fazendas".

A Dengo, da gerente de produtos Luciana Lobo, tem cacau fino de mais de 200 produtores pequenos e médios em seus chocolates premium. Para ela, a qualidade brasileira desperta cada vez mais interesse do público especializado do exterior, como prova o Concurso Nacional de Qualidade do Cacau Especial do Brasil, que em novembro de 2021 chegou à terceira edição em Ilhéus, promovida pelo Centro de Inovação do Cacau da Bahia (CIC-BA). "Até as grandes indústrias estão prestando mais atenção no segmento fino e criando novas linhas. A tendência é por esse algo mais puro de origem – e pela valorização do que é brasileiro", diz Lobo.

O Pará passou a Bahia na produção nacional de cacau, segundo Fernando Mendes, que chefia o Centro de Pesquisa do Cacau do Pará e do Amazonas. Dos 205 mil hectares de cacau no Estado, 10 mil são de agricultura familiar, na bacia do Rio Tocantins, com a maior parte da exportação saindo da região de Tomé-Açu para o Japão, depois Áustria e Holanda. "Ainda não temos nada parecido com terroirs. No caso do cacau fino, enviam-se amostras a compradores que fazem vários testes – físicos, químicos e principalmente sensoriais", explica. Assim, o Pará enviou amostras de 15 regiões para Darin Suhka, um dos maiores pesquisadores e classificadores de cacau do mundo, e espera-se o lançamento do Mapa Sensorial de Cacau do Pará em fevereiro, como estratégia para transformar a matéria-prima brasileira em referência mundial. ■

PRECIOSIDADES
Andy Warhol e Jackson Pollock entre os destaques da Coleção Macklowe: evento rendeu US$ 676 milhões

As casas de leilões **fazem a festa**

Impulsionadas pelo **dinheiro** de novos milionários da pandemia, vendas online e por negócios com a Ásia, empresas especializadas como a Sotheby's e a Christie's **atingem faturamento recorde em 2021**

Vicente Vilardaga

Os negócios com arte estão altamente aquecidos e a expectativa é que essa tendência se mantenha. Além de uma oferta de obras incríveis e cobiçadas, há um ambiente comercial favorável que indica um interesse revitalizado dos colecionadores pelos antigos mestres da pintura, artistas contemporâneos e também pelos criadores jovens e emergentes que criam NFTs (tokens não fungíveis). Soma-se a isso o surgimento de novos públicos compradores e uma ambição redobrada de investidores asiáticos. Em 277 anos de existência, a casa de leilões Sotheby's nunca havia faturado tanto. Em 2021, em plena pandemia de coronavírus, bateu todos os recordes de vendas de sua história, movimentando fabulosos US$ 7,3 bilhões (R$ 40 bilhões), valor 71% superior ao do ano anterior. Outra referência do mundo das artes, a Christie's, arre-

FOTOS: YUKI IWAMURA/AFP; ANGELA WEISS/AFP;

cadou US$ 7,1 bilhões (R$ 39 bilhões) no ano passado, seu melhor resultado desde 2016. Somente em negócios privados diretos, a empresa ganhou US$ 1,7 bilhão, 12% mais do que em 2020 e 108% mais do que em 2019. A Sotheby's informou que 39% dos clientes que adquiriram suas obras e objetos nunca haviam comprado da empresa antes e metade das vendas acima de US$ 5 milhões foram realizadas para milionários da Ásia. "Os clientes responderam a uma experiência digital e física perfeita", disse a empresa.

RECORDE Tela "nº 7", de Mark Rothko, saiu por US$ 82 milhões: valorização

Uma das maiores tacadas da Sotheby´s foi a venda, em novembro, da Coleção Macklowe, colocada no mercado depois do divórcio do casal formado pelo empresário do ramo imobiliário Harry Macklowe e a curadora honorária do Museu Metropolitant Museum, Linda Burg. Em um só dia, a casa leiloeira movimentou US$ 676 milhões. O valor ultrapassou a expectativa máxima de arrecadação, que oscilava entre US$ 439,4 milhões e US$ 618,9 milhões. Os maiores preços foram alcançados com a tela "nº 7", de Mark Rothko, arrematada por US$ 82 milhões, e com o quadro "nº 17", de Jackson Pollock, comprado pela bagatela de US$ 61 milhões, o maior valor já pago por uma obra do artista. O maravilhoso acervo, composto por 35 pinturas e esculturas, incluía também nomes como Alberto Giacometti, Willem de Kooning, Agnes Martin, Andy Warhol, Frida Khalo e Claude Monet, com seu "Coin du bassin aux nymphéas", pintado em 1918. A Coleção Macklowe possui outras 30 obras que serão leiloadas em maio. No caso da Christie's, a maior venda realizada em 2021 foi a do quadro "Femme assise près d'une fenêtre" ("Mulher sentada perto de uma janela"), que rendeu US$ 103,4 milhões em maio.

CLÁSSICO O quadro "Coin du bassin aux nymphéas", de Claude Monet: joia impressionista

Por conta da pandemia, as casas de leilões tiveram que se adaptar em 2020 diante da impossibilidade de realizar eventos presenciais, o que levou a um represamento das vendas, e fortaleceram seus laços com o mundo digital. Um efeito disso, segundo a Sotheby's, foi a expansão do acesso "a um número sem precedentes de participantes em leilões nos últimos 12 meses". O que parecia uma vulnerabilidade acabou se transformando em vantagem. Na mesma onda tecnológica, foram fortemente impulsionadas as transações privadas com os NFTs, tokens criptográficos que representam digitalmente uma obra única. O mercado desses dispositivos ganhou credibilidade e decolou. Só a Christie's arrecadou US$ 150 milhões com esses tokens. Desde a venda da obra "Everydays", uma colagem de 5 mil imagens digitais realizada pelo artista Mike Winkelmann, conhecido com Beeple, que rendeu US$ 69,3 milhões, a empresa comercializou mais de 100 NFTs. A idade média dos compradores desse tipo de arte é de 42 anos, faixa etária dos chamados millennials, e três quartos dos compradores eram novos na Christie's. A Sotheby's informou que, em 2021, vendeu mais de US$ 100 milhões em NFTs. Sua primeira experiência na modalidade aconteceu em abril com a comercialização de uma obra do artista cujo pseudônimo é Pak. O negócio rendeu US$ 16,8 milhões em um lançamento exclusivo que durou três dias. Com vários leilões importantes à vista e o desenvolvimento da compras online, a expectativa é que, em 2022, o acelerado ritmo de transações seja mantido. ■

A maquiagem além da

Com a proteção facial adotada amplamente pela população, a volta ao trabalho presencial e a reabertura dos espaços culturais revelam uma tendência: a valorização dos olhos, desenhados com delineadores e repletos de cores

Taisa Szabatura

O delineador - um leve risco, geralmente preto, logo acima dos cílios - é um clássico da maquiagem. Usado desde o antigo Egito, ganhou fama em alguns dos olhos mais famosos do mundo, como Elizabeth Taylor e Marilyn Monroe. O chamado olhar "gatinho", usado como marca registrada em celebridades como Ariana Grande e Beyoncé, passou por uma repaginação em tempos inéditos de pandemia. Se as máscaras seguem obrigatórias, os olhos acabam se tornando a janela do estilo. "Estamos vivendo um momento de muita liberdade na maquiagem, as pessoas estão se sentindo mais à vontade para usarem brilho, cor e texturas diferentes", explica Priscilla Luna, maquiadora nacional da grife francesa Lancôme. Para ela, uma das coisas que os dois anos de Covid-19 evidenciam, é que não existe mais maquiagem "para o dia" e "para a noite". Ou seja, não há problema algum em abusar de cores chamativas e até de brilho, caso o estilo se encaixe com a sua personalidade.

PERSONALIDADE A vendedora Micaela Babata aposta nos tons fortes: "Meus olhos definem que sou"

Se antes as cores que predominavam eram o preto e o marrom, com os tons ultra-coloridos aparecendo apenas no Carnaval, agora as coisas são diferentes. O azul e o verde, mesmo que em tonalidades neon, tornaram-se comuns no dia a dia das grandes cidades. Basta entrar em um metrô ou shopping center para obser-

máscara

ESTILO Uso de delineadores com grafismos é tendência do verão. Ao lado, a maquiadora Carol Carvalho com a modelo Janaina

var a diversidade de cores nas frequentadoras. Há ainda os cílios postiços e a perfeita simetria das sobrancelhas. Embora não precisem ser usados em conjunto, a tríade do olhar nunca foi tão explorada fora do ambiente noturno ou de festas.

CÍLIOS E PÁLPEBRAS

Outra mudança recente que tornou esses produtos populares foi a maneira com que são aplicados. As embalagens dos delineadores do passado tornavam a aplicação do produto complexa e um mero tremor das mãos arruinava o visual. Hoje existem diversas maneiras de aplicar o produto, na forma de lápis ou através de diversos pincéis que dão firmeza para quem o aplica. Por isso, ficou mais fácil se maquiar rapidamente e ir ao trabalho, por exemplo. O mesmo acontece com os cílios e suas diversas técnicas de alongamento: o artificial ou apenas o rímel em parceria com um curvex.

A vendedora Micaela Yukari Babata, de 37 anos, diz que sempre gostou de maquiagem. "Quando criança via minha mãe usando e queria imitar. Na adolescência usava apenas o delineador e batom", diz. Com as cores que adotou, parece muito mais jovem do que é, e chama a atenção por onde passa, seja com um forte tom de roxo ou apenas uma cor leve nas pálpebras. "Por ser oriental, meus olhos definem muito quem eu sou. Através deles também consigo demonstrar que é possível fazer makes que 'apareçam' no meu formato de olhos", explica. Ela diz ainda que suas cores favoritas são o rosa e o laranja e quando os usa, opta por uma roupa preta. Ou seja, é possível ser discreta e abusar das tonalidades.

A pintura, tanto facial como corporal, faz e fez parte de diversas culturas ao redor do globo. A moda agora é o desenho nas pálpebras, riscos que se encontram, linhas paralelas e até formas triangulares passam a fazer parte de quem adotou o delineador. Para o trabalho, por exemplo, é possível aplicar tons terrosos, um tom acima ou abaixo ao da cor de sua pele. Há quem goste até de comprar máscaras cirúrgicas coloridas para combinar com a maquiagem escolhida.

> **"As pessoas estão se sentindo bastante à vontade para usar brilhos e texturas diferentes"**
> **Priscilla Luna,** maquiadora da Lancôme

A maquiadora Carol Carvalho, de 40 anos, diz que suas clientes estão preocupadas com a harmonia do olhar, principalmente das sobrancelhas. Porém, esqueça aqueles desenhos em formato de tatuagem, a beleza está na naturalidade. "O delineador pode ter vários formatos, ser leve ou ir além, com grafismos e cores fortes. O traçado também pode ser fino ou mais cheio, depende do gosto da cliente", diz. Acostumada a atender celebridades do mundo do entretenimento, acredita que o grafismo será a tendência do verão brasileiro. "É uma novidade que tem aparecido muito nos tapetes vermelhos e nas influenciadoras, fora que é algo diferente, não é só a cor, é o desenho também", conclui. ■

FOTOS: GABRIEL REIS; BRUNA TAVARES

AGORA É DOENÇA

A comunidade científica internacional classifica, finalmente, a **Síndrome de Burnout** como enfermidade. Comprova também que **a sua origem é o estresse** advindo de qualquer atividade profissional e diz que ela só pode ser tratada por especialistas

Fernando Lavieri

Igualmente a outras áreas do conhecimento, também na medicina a realidade e o dia a dia enriquecem a teoria. Nos últimos anos foram tantos os casos de Síndrome de Burnout em todo o mundo, que a OMS oficializou-a como uma enfermidade crônica a ponto de incluí-la na mais recente versão do Código Internacional de Doenças (CID 11). Burnout consta agora da bíblia da saúde, a pessoa por ela acometida tem de ser tratada por especialistas e respeitada pela sociedade em geral - em particular, nos meios profissionais. Por que? A resposta está em sua origem: a Síndrome de Burnout, que também pode ser chamada de Síndrome do Esgotamento, está intrinsecamente associada à rotina de trabalho. Ela se faz sinalizar pelo sentimento de grande estresse físico e mental, queda brusca na qualidade do serviço executado e, mais importante, pelo fenômeno psiquiátrico da despersonalização — quando o indivíduo cumpre as suas tarefas de forma robotizada e demonstra embotamento afetivo em relação ao grupo no qual vive. "O trabalhador com Burnout gasta todo o seu estoque de energia biopsíquica e depois fica exaurido", diz Fábio Scaramboni Cantinelli, chefe de Psiquiatria do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo. "O paciente demora muito para restituir a energia que despendeu".

Foi em 1974 que o psicólogo alemão Herbert J. Freudenberger deu a mais perfeita definição desse mal, valendo-se da metáfora de um palito de fósforo: uma vez aceso, ele ostenta uma vigorosa chama, mas, após alguns segundos, vai paulatinamente perdendo-a. Chega o momento em que o palito apaga. A bancária paulista Amélia Cristina Marques, 46 anos, sentiu-se exatamente assim. Ela está sob cuidados médicos há

"Não conseguia nem mesmo levantar da cama"
Amélia Cristina Marques, bancária

EXPLICAÇÃO O psiquiatra Fábio Cantinelli detalha: o trabalhador perde as energias para executar as tarefas

32%

da população brasileira
sofre dessa forma
de estresse
crônico relacionado
ao trabalho

500 mil

é o número de
solicitações
de auxílio doença
ao INSS motivados
pela síndrome

quatro anos. "Não conseguia nem mesmo levantar da cama", diz a bancária. Há vinte e oito anos na função, Amélia se olhava no espelho e se negava admitir-se doente e que precisava de ajuda especializada. "Hoje faço psicoterapia e tomo medicamentos que me são receitados". A instituição financeira, da qual está licenciada, compreendeu que se trata de doença e a amparou. Mas, em um País no qual até a depressão ainda é vista como "fazer corpo mole" diante do trabalho, Amélia foi hostilizada por alguns colegas desinformados: "Alguns deles não acreditavam que eu estava doente. Por isso me desrespeitaram". Esse é um dos motivos que levou a paulista Maria (sobrenome preservado a seu pedido) a desenvolver a síndrome quando colocou toda a sua energia no trabalho, deixando em planos secundários sua vida pessoal e emocional. Pode-se mesurar o alcance da doença pelo índice colhido junto ao INSS: quintuplicou o número de solicitações de auxílio doença, motivados por Burnout, entre março e abril de 2020. O número de pedidos chegou a quinhentos mil. O estresse da pandemia e o decorrente medo da morte é claro que tiverem papel importante nesse astronômico aumento de requisições.

Em um país como o Brasil em que a depressão ainda é vista por muita gente como sinônimo de fazer "corpo mole", é importante a catalogação de Burnout como doença

Apesar de a Síndrome do Esgotamento estar fortemente relacionada com o mundo do trabalho, não é raro ver pessoas envolvidas em outras atividades também desenvolverem a enfermidade – mas seu pano de fundo, digamos assim, é sempre o profundo estresse. Douglas Pinheiro é padre e, pouco depois de um ano de seu ordenamento, passou a sentir os sintomas da síndrome, estreitamente similares aos do transtorno da ansiedade generalizada. "Sentia muito sono, tinha crises de choro, palpitações, falta de ar e inquietação constante", diz o padre. Ele atua em seu sacerdócio na cidade paulista de Jandira, e na época em que começou a sofrer de burnout cuidava de nove igrejas ao mesmo tempo, além de se dedicar ao magistério universitário. "Passei por tratamento psicológico e agora estou melhor", diz Pinheiro. Por se tratar de um religioso, aparentemente o processo foi mais doloroso. Ele explica diz que não compreendia como o trabalho para o qual tanto se preparou estava lhe fazendo mal: "executava, cada vez, mais e mais, tarefas". Atualmente, o padre conseguiu estabelecer uma rotina mais harmoniosa de trabalho. Dedica-se a seis paróquias. ■

FOTOS: GABRIEL REIS

PRODUÇÃO
Fábrica da Impossible Food: proteína vegetal distribuída em grandes redes de fast food

Tecnologia que produz bifes, bacon e hambúrgueres em laboratório a **partir de plantas** ganha mercado com a popularização das **'Food Techs'** e se torna alternativa para quem busca um consumo **mais consciente**

Carlos Ferreira Lima

A CARNE ARTIFICIAL GOURMET

Parece, mas não é: a carne moída vegetal é produzida a partir de uma combinação de aromatizantes e temperos naturais, grão de bico, proteína isolada de soja e ervilha e até fibra de caju. O objetivo é simular o gosto, o aroma e a textura do produto original. São as chamadas carnes 'plant based', uma tendência que ganha força nas prateleiras das grandes redes de supermercados do País. E chegam com um apelo moderno, ligado à sustentabilidade e ao fim do abate de animais.

Entre as empresas que despontam nesse novo nicho está a americana Impossible Food, a startup chilena NotCo, que produz a maionese NotMayo e o leite vegetal integral NotMilk, e as brasileiras Amazonika Mundi e The New, "food tech" fundada em 2019 pelo engenheiro Bruno Fonseca, que produz nuggets, filés e hambúrgueres vegetais. Há ainda as opções "sustentáveis" feitas com carnes artificiais cultivadas em laboratório a partir de células captadas de animais por biópsia. A brasileira BRF prevê lançar um produto nessa linha em 2024, em parceria com uma startup israelense. "A biotecnologia promete uma revolução na pecuária. Há investimentos em fazendas de carne cultivada que não terão sequer pastos de animais. A engenharia genética ganhará ainda mais força", afirma Helton Pereira, chef e docente da área de gastronomia do Senac.

"A carne feita de plantas e fungos mudará o que comemos", informava o anúncio da conferência "O Futuro da Carne" na Consumer Eletronics Show (CES), maior feira de eletrônicos do mundo, em Las Vegas (EUA), na semana passada. Este ano a tecnologia alimentar chegou ao evento por meio da Food Tech Exhibit, exposição que trouxe uma série de novidades. A Impossible Foods, da Califórnia, pioneira no setor de hambúrgueres 'plant based', quer eliminar a carne animal de sua cadeia de produção até 2035; a Bear Robotics, de Inteligência Artificial, apresentou um robô autônomo capaz de servir bebida e comida; a empresa coreana Yangyoo lançou uma alternativa de queijo vegano. É um mercado que tem atraído tanto investidores bilionários como Jeff Bezos, da Amazon, quanto "food techs" e, claro, consumidores ávidos por comidas saudáveis.

A carne artificial ou feita de plantas, no entanto, não é unanimidade. Bruna Kao, chef e consultora gastronômica, não vê comprovação de que esse tipo de produção é sustentável. "São ingredientes artificiais que não se enquadram no contexto de alimento saudável. Experimentei um queijo "plant based" que parecia feito de plástico. Por que a necessidade de comer bacon artificial? Vá comer alface", afirma. ■

INOVAÇÃO
A Amazonika Mundi produz carne de siri a partir de fibra de caju: solução original

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Apresenta

MESAS A PARTIR DE 02 LUGARES

16

TOQUINHO • IVAN LINS • MPB4

50 ANOS DE MÚSICA TOUR 2022

05/FEV
SÁBADO

Patrocínio:

Programa:

Apoio:

CONSIGAZ

Realização e vendas:

Seguimos todos os protocolos internacionais de segurança e higienização. A capacidade da casa será reduzida e por isso os ingressos limitados para sua segurança e comodidade.

Todos os descontos não são válidos para meia entrada e não são cumulativos. Menores de 16 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal. A compra da meia-entrada é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada a apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI Nº 7.844 DE 13 MAIO DE 1992. Capacidade máxima = 4.000 pessoas | Protocolo de Vistoria nº 251233-2/2021. R. Bragança Paulista, 1281 | www.grupotombrasil.com.br | GRUPOS: (11) 5646.2120

EXCEÇÃO Imagens revelaram informações surpreendentes sobre Amenhotep I: o cérebro foi mantido no crânio

Com o auxílio de tomografia computadorizada, cientistas puderam analisar detalhes do corpo do faraó Amenhotep I e as circunstâncias de seu sepultamento. Em outro estudo foi descoberta a primeira grávida embalsamada da história

Fernando Lavieri

A autópsia das

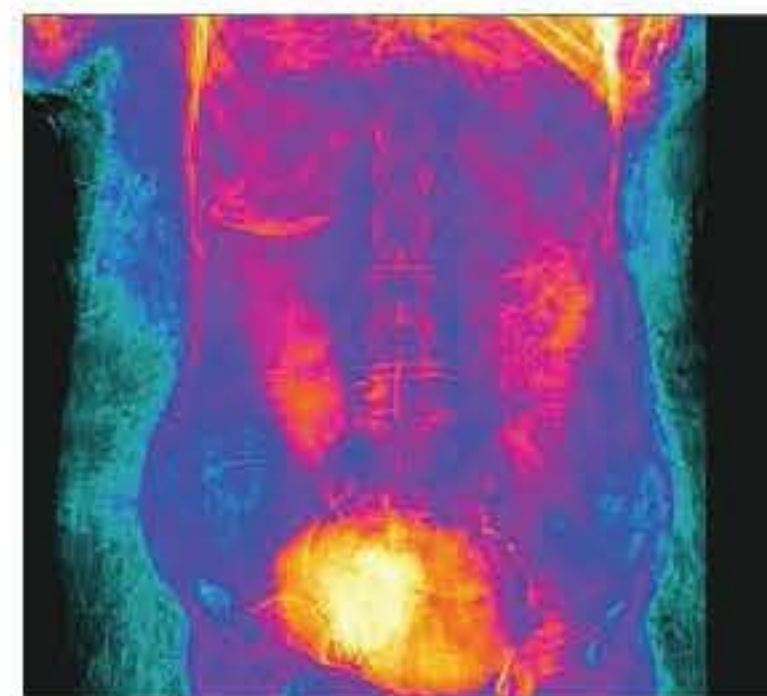
Novas tecnologias estão auxiliando o estudo das múmias e permitindo desvendar seus segredos, com análises cada vez mais reveladoras dos corpos preservados. Se antes, para descobrir como era feito o embalsamento dos faraós e nobres egípcios, os cientistas precisavam abrir os sarcófagos e desfazer o trabalho de conservação, uma ação invasiva que tornava impossível manter o cadáver totalmente intacto, agora eles estão usando equipamentos avançados de exames por imagem. Recentemente, em uma iniciativa inédita, cientistas da Universidade do Cairo passaram a lançar mão da tomografia computadorizada para desembrulhar digitalmente o corpo e a tumba do faraó Amenhotep I, o que levou a incríveis descobertas. Em outro estudo feito na Polônia foi possível identificar, pela primeira vez, uma múmia grávida.

Amenhotep I governou o Egito de 1525 a 1504 a. C. e é uma das múmias mais antigas descobertas, há 140 anos, em Deir el-Bahari, complexo de templos mortuários localizado na antiga cidade de Tebas. Os arqueólogos queriam evitar qualquer dano à requintada máscara facial que cobre o rosto do monarca ou às bandagens que o envolvem. Segundo os especialistas, as imagens mostraram que o soberano egípcio faleceu com mais ou menos 35 anos de idade, tinha 1,69 metro de altura e boa dentição.

Também se verificou que o sepultamento foi especial. Amenhotep I tinha aparência física semelhante à de seu pai, Amósis I, que deu inicio a XVIII Dinastia egípcia, como o queixo estreito, o nariz fino e o cabelo crespo. Os cientistas perceberam que não havia feridas e nem qualquer desfiguração na múmia que pudesse indicar a causa de sua morte. Com a tomografia descobriu-se que Amenho-

FOTOS: PATRICK LANDMANN/GETTY IMAGES; ALEKSANDER LEYDO/WARSAW MUMMY PROJECT/AFP; WARSAW MUMMY PROJECT/AFP PHOTO

TECNOLOGIA Novos exames permitem análises precisas: corpo preservado

GÊNERO Pensava-se que eram os restos mortais de um homem: erro na suposição do sexo

GRAVIDEZ Digitalização expôs a presença de um feto no ventre da sacerdotisa mumificada: gestação avançada

tep I não teve o cérebro removido do crânio, algo nunca visto, segundo o ministro egípcio das Antiguidades, Zahi Hawass. "Na época, o cérebro não era considerado algo nobre, mas sim, o coração, que normalmente era mantido", diz a médica e bioarqueóloga Sheila Mendonça de Souza.

SENHORA MISTÉRIO

A segunda descoberta proporcionada pela máquina de tomografia em corpos embalsamados surgiu no projeto *Múmia de Varsóvia* que analisa materiais raros do Museu Nacional da capital polonesa. A pesquisa foi divulgada pela publicação científica *Journal Archaealocal Science* e mostrou que a múmia não era de um sacerdote, como se pensava, mas sim de uma sacerdotisa. Além do gênero, mais uma novidade apareceu: o cadáver estava em estágio avançado de gravidez, e as imagens mostraram uma gestação entre vinte e seis e trinta semanas, porém os ossos do feto não puderam ser visto nitidamente.

"Ainda há muitos estudos sendo realizados a respeito do que aconteceu com o corpo do bebê", diz Sheila. Com a utilização da tomografia foi possível ver também que dentro do abdômen da múmia havia quatro invólucros, ainda sem definição exata, que podem ser órgãos mumificados. Como no caso do faraó, o uso do equipamento de imagem foi essencial para saber que a mulher tinha entre 20 e 30 anos de idade ao morrer, no século I antes de Cristo. Sem a tomografia a descoberta do feto só seria possível abrindo o corpo, algo que com certeza iria despedaçá-la. Apesar de toda a tecnologia aplicada para determinar a história do personagem, sua identidade é uma incógnita. Os especialistas dizem que há conflito de informação a respeito do nome dela e, por isso, resolveram chamá-la de Senhora Mistério. ■

POSE DE RAINHA

Em um aceno de esperança e otimismo, o Palácio de Buckingham divulga **fotos majestosas** de Kate Middleton, esposa do príncipe William, que um dia será o rei da Grã-Bretanha. As imagens de Kate, que acaba de completar **40 anos**, mostram a nova face da realeza

Denise Mirás

Enquanto uma tempestade shakespeariana toma conta do Reino Unido com o descabelado primeiro-ministro Boris Johnson chacoalhando no leme do barco atingido pelas ondas da pandemia e pela crise do Brexit, Lady Kate posa para fotos como futura rainha consorte em um claro sinal de esperança. Catherine Middleton, duquesa de Sussex, casada com o príncipe e provável rei William, surgiu majestosa em toda a mídia, ao completar 40 anos no domingo, 9, já se apresentando como a nova face da realeza britânica. O objetivo por trás das fotos parece mesmo diluir a opinião de quem defende ou acredita no fim da monarquia, com a morte de Elizabeth II, e indicar que existe uma luz do fim de túnel que pode fortalecê-la nos próximos anos.

Afinal, se em geral os súditos amam a rainha e riem dos memes que "atestam" sua imortalidade, ela já está com 95 anos. E, perto de quase um século de vida, anda se resguardando - o que abre portas para a duquesa de Cambridge ser mostrada como suas antecessoras, em pinturas seculares. Fotógrafo de moda e de celebridades, Paolo Roversi fez os três retratos de sua modelo usando vestidos de Alexander McQueen, que ficarão expostos na National Portrait Gallery.

POPULAR Cerca de 60% dos britânicos gostam da duquesa de Sussex

Ficou para trás a Waitie Katie, apelido-trocadilho para Kate, que esperou dez anos para se casar com o príncipe. Mãe de George, 8 anos, Charlotte, 6, e Louis, a duquesa é naturalmente discreta, exemplar, imune a encrencas e, também por isso, muito elegante. Surgiu mais glamourosa do que seu natural, nas fotos promovidas pelo Palácio de Buckinham, e abafou a crise pela denúncia de assédio sexual do príncipe Andrew, também filho de Elizabeth II e Philip (o príncipe morreu em abril de 2021). Seu irmão mais velho, o príncipe Charles, é o primeiro na linha de sucessão da rainha, que tem o herdeiro William como terceiro na fila.

Mesmo envolvida com escândalos volta e meia, para alegria dos súditos (e o rompimento de Harry e Megan com a realeza ainda repercute), a monarquia segue em alta no reino. Pesquisa divulgada em outubro de 2021 mostra 70% de aprovação da rainha Elizabeth II, de acordo com entrevistados na Escócia, no País de Gales e no centro da Inglaterra. Charles não é tão querido quanto a mãe, que esteve no front durante a Segunda Guerra dirigindo caminhões, dentre outras façanhas gravadas na memória dos britânicos. O primeiro herdeiro, que teve casamento tumultuado com a adorada Lady Diana e depois se casou com a amante Camilla tem cerca de 45% de aprovação popular. Já Camilla tem míseros 33%.

TRANSIÇÃO Encontro familiar no aniversário de Elizabeth II: o presente e o futuro da Coroa

Há uma grande possibilidade de o príncipe Charles abrir mão do reinado em favor do filho William, segundo na linha sucessória

Assim, William, Kate e as crianças são, sim, a esperança dos nobres apagarem o perigo da monarquia ser extinta depois da morte da rainha. A imagem de família dos sonhos ajudaria a realeza a sobreviver, mantendo poder e administrando a união do reino - mesmo depois da catástrofe do Brexit comandada por Boris Johnson. Se Elizabeth II "é amada porque representa toda a Grã-Bretanha em uma pessoa só", como os britânicos gostam de lembrar, Kate já tem um bom caminho pavimentado para se tornar rainha. É a quarta colocada entre "os mais admirados da família real", segundo o instituto YouGov, atrás da rainha e seu marido falecido, e do próprio marido, o príncipe William. Nada menos que 93% dos britânicos a conhecem e 60% gostam dela (muito perto dos 62% de Philip e William, empatados). A duquesa aparece como boa mãe, engajada em questões sociais, que segue valores tradicionais e caros aos britânicos. Ela também foi ajudada pelo contraponto tranqüilo com a cunhada Meghan Markle, casada com Henry e vista como tensa e encrenqueira. Kate Middleton se mostra como "pessoa normal", uma referência em moda mesmo em roupas informais, e em atividades cotidianas - como levar as crianças à escola e agradecer pelo Twitter os parabéns pelo aniversário.

A monarquia britânica sobrevive, em boa parte, por Elizabeth II. Mesmo tendo aqueles que repudiam gastos com a nobreza, os britânicos em geral admiram a família real como lastro para manter a Grã-Bretanha unida, e especialmente a rainha, por sua capacidade diplomática e humor todo peculiar. Mesmo com alguns passos em falso, como apoiar a suspensão do Parlamento durante o debate do Brexit, a pedido do primeiro-ministro, ela acaba contornando situações e servindo como garantia imparcial de estabilidade para o sistema político do país. Algo que não se imagina que Charles seja capaz. Ele nem parece muito disposto a assumir o trono quando a mãe morrer, que o tornaria chefe de Estado de outros 15 países, fora a Grã-Bretanha. É bem provável que Charles queira mesmo deixar essas tarefas difíceis para o filho William, o segundo herdeiro. Uma transição poderia engasgar a opinião pública. E, rei, William já teria uma bela rainha consorte para preencher o vazio dos seus súditos. ■

FOTOS: HANDOUT/GETTY IMAGES EUROPE/GETTY IMAGES VIA AFP; MAX MUMBY/INDIGO/GETTY IMAGES

por Eduardo F. Filho

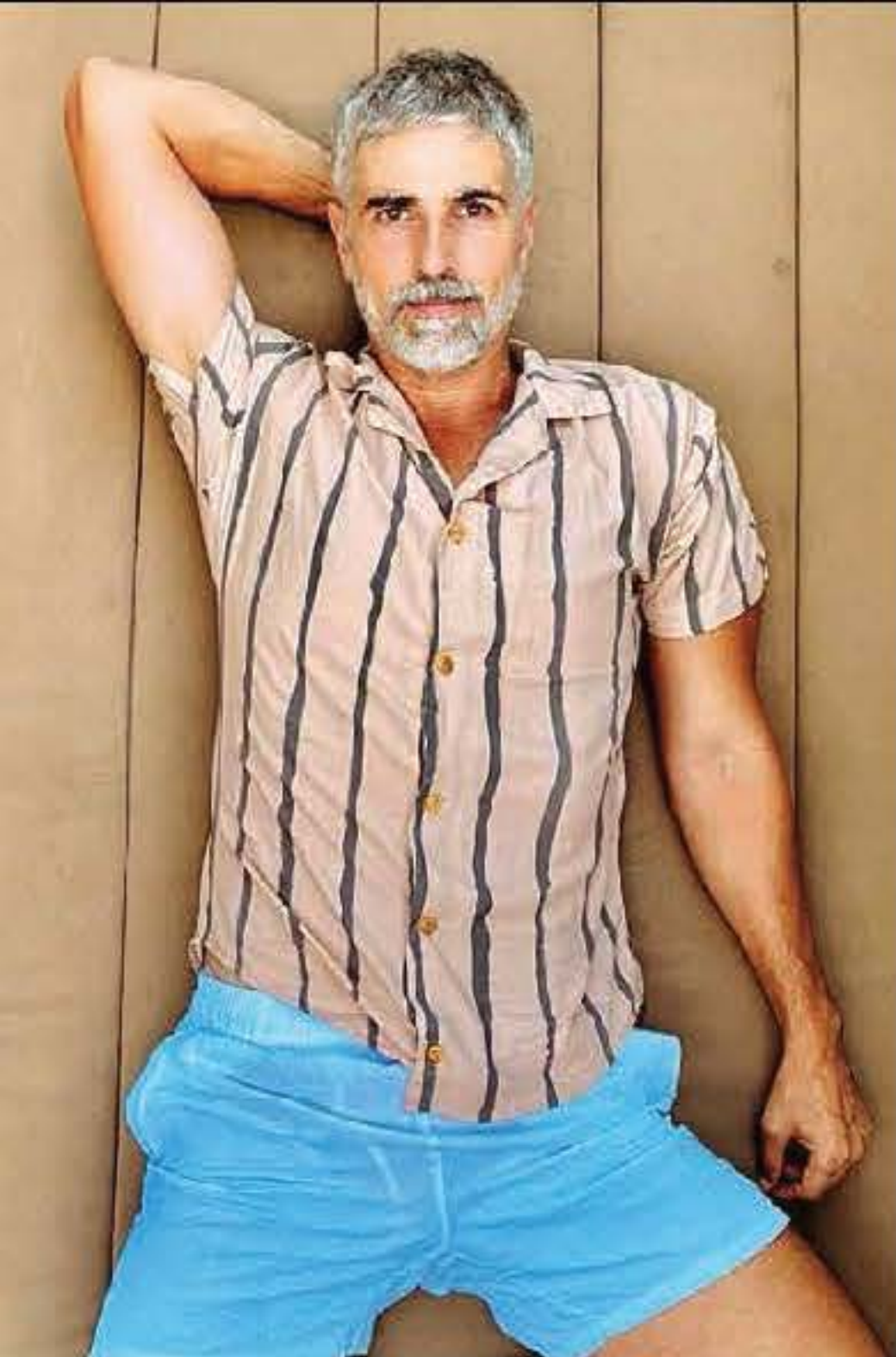
Gente

Rebelde com sotaque portunhol

Quando era criança, a atriz **Giovanna Grigio** precisava se esconder na casa da prima para assistir à novela mexicana "Rebelde", pois a mãe não deixava: o conteúdo seria impróprio para a idade da menina. Hoje, aos 23 anos, ela não só exibe com orgulho o CD e DVD da banda, como é a única brasileira no elenco da nova série da Netflix. "Rebelde", remake da produção original, foi renovada para a segunda temporada apenas quatro dias após seu lançamento. "Minha mãe ficou muito orgulhosa. Que ironia, né? Ela não se arrepende, e nem eu, de fato não era para a minha idade", afirma a atriz, que precisou se mudar para o México durante a pandemia para aprender espanhol: "Foi a primeira vez que morei longe da minha família. Era portunhol o tempo todo".

A Mulher-Gato ganha mais uma vida

Se tem uma atriz que vale a pena ficar de olho em 2022 é **Zoë Kravitz**. Filha do cantor Lenny Kravitz, a americana já é conhecida do público pelo sucesso em filmes de ação como "Mad Max" e "Animais Fantásticos". Agora vem o desafio definitivo: ela foi escolhida para ser a nova Mulher-Gato em uma das estreias mais aguardadas do ano, "The Batman", com o galã Robert Pattinson como protagonista. "Tive de aprender a atirar com armas de fogo, mesmo com essas minhas unhas imensas", disse. A atriz Halle Berry, que já interpretou o papel, fez um alerta à colega: não se preocupar com os críticos. Mas logo emendou um elogio carinhoso: "Pessoalmente, acho que ela será uma Mulher-Gato maravilhosa".

FOTOS: MATEUS AGUIAR; DIVULGAÇÃO

Grisalho assumido

Muitos homens não gostam de mostrar seus cabelos grisalhos, ainda mais no caso dos galãs da TV. Como toda regra tem sua exceção, o apresentador Otaviano Costa e o ator Bruno Gagliasso vêm ganhando seguidores desde que assumiram suas madeixas acinzentadas. Esse seleto clube acaba de ganhar mais um adepto: **Reynaldo Gianecchini**. O astro decidiu entrar em 2022 publicando fotos de cabelo branco em suas redes sociais. Elas revelaram que ele é como o vinho: só melhora com o tempo. "George Clooney, é você?", brincou a atriz Suzana Pires.

Ela está rindo à toa

A atriz **Rachel Zegler**, de 20 anos, foi agraciada com um Globo de Ouro em seu primeiro papel. Ela levou o prêmio de Melhor Atriz de Comédia ou Musical por sua atuação como a personagem Maria em "Amor, Sublime Amor" (West Side Story). Nem ela acreditou: o evento não foi transmitido ao vivo pela TV, a atriz de ascendência colombiana ficou sabendo do resultado pelas redes sociais. Como não tinha certeza, fez piada com um trecho da música "Comedy", de Bo Burnham, cuja letra diz: "O que diabos está acontecendo?". Isso é só o começo: a Disney anunciou uma nova adaptação para o cinema com a primeira princesa do estúdio, Branca de Neve. Adivinhem quem foi a escolhida? Ela, Rachel.

O primeiro homem

A atriz Lucy Ramos é casada há 15 anos com o diretor e roteirista Thiago Luciano. A dupla está lançando o filme "O Segundo Homem" no streaming Star+. O longa é uma distopia onde o porte de armas é liberado no Brasil. Lucy revela que o casal "bateu de frente" algumas vezes até encontrar a maneira certa de trabalhar unidos. "No set eu sou a atriz e ele é o diretor, preciso respeitá-lo", diz. Eles ainda lidam com a cobrança da família e amigos sobre a falta de um bebê: "A gente quer, mas vai acontecer na hora certa. E se não acontecer, está tudo bem também".

Faustão em família

*Os convidados que **Faustão** apresentou na estreia do programa na Band mostram que o apresentador não está para brincadeira. Gravado na quinta-feira 6, o quadro "Pizzaria do Faustão" vai trazer a nata do samba: Alcione, Paulinho da Viola, Martinho da Vila e Zeca Pagodinho. Jorge Aragão também participaria, mas contraiu Covid e precisou cancelar. Vitão também já gravou sua participação e será um dos primeiros nomes a cantar na nova atração. Outros destaques do programa serão os nomes que vão dividir o palco com ele: Anne Lotterman e João Guilherme Silva (foto), filho do apresentador. "Faustão na Band" vai ao ar à noite, durante a semana, na tentativa de roubar o público do horário nobre de sua antiga emissora.*

FOTOS: @BRUNOFAGOTTI; ROY ROCHLIN/GETTY IMAGES VIA AFP; RODRIGO MORAES; DIEGO SERRES

Logística pode deslanchar via mar

Flexibilização das normas da navegação de cabotagem na costa brasileira deve baratear os fretes e eliminar um dos gargalos para o transporte de mercadorias

Valéria França

Os analistas em infraestrutura, os donos das cargas e as empresas de transporte sabem que o transporte de mercadorias pelo mar, ou cabotagem, é uma excelente opção para grandes volumes chegarem a locais distantes. Mas, desde a década de 1950, o Brasil vem privilegiando as rodovias e deixando de lado seus 7.491 quilômetros de costa. Atualmente, 67,6% das cargas são levadas pelas estradas e apenas 10,6% pelo mar, de acordo com o Ministério de Infraestrutura. Essa falta de equilíbrio representa um grande gargalo na infraestrutura logística brasileira. Mas há luz no fim do túnel. Depois de três anos de discussões sobre os entraves da atual legislação do transporte por mar, o governo sancionou a lei 4.199/2020, batizada de BR-Mar, um Programa de Estímulo ao Transporte por Cabotagem, que dá mais flexibilidade ao setor.

"A nova legislação possibilita o aumento de oferta de equipamentos", diz o economista Claudio Frischtak, especializado em infraestrutura. Ele se refere, por exemplo, à falta de navios para comportar a demanda do mercado. "A fabricação exige grau altíssimo de especialização, que o Brasil não tem. A China é muito boa nisso", diz Frischtak. A partir de agora, as empresas de cabotagem poderão afretar embarcações estrangeiras com casco nu e colocar a bandeira brasileira, além de usarem navios de subsidiárias estrangeiras com o símbolo do país de origem.

"Outra modificação se refere à tripulação, que não precisa mais ser brasileira, no caso dos afretamentos", explica Gesner Oliveira, coordenador do Centro de Estudos de Infraestrutura e Soluções da Fundação Getulio Vargas. Houve uma série de flexibilizações das normas, que facilitarão a entrada de novas empresas e o crescimento das que já estão em operação. "Isso levará à diminuição do custo do frete", diz Oliveira. Segundo ele, projeta-se o crescimento de 66% do setor, de 40% no tamanho da frota e de 30% na quantidade de contêineres a longo prazo.

"Estamos animados", diz Matheus de Castro, especialista em infraestrutura da Confederação Nacional da Indústria (CNI), que acompanhou de perto essa discussão desde 2019. Ele destaca

FOTOS: JONNE RORIZ/AGÊNCIA ESTADO; MOACYR LOPES JUNIOR/FOLHAPRESS

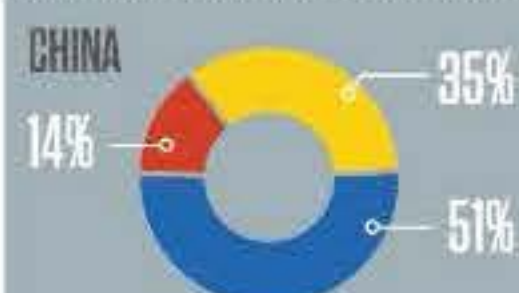
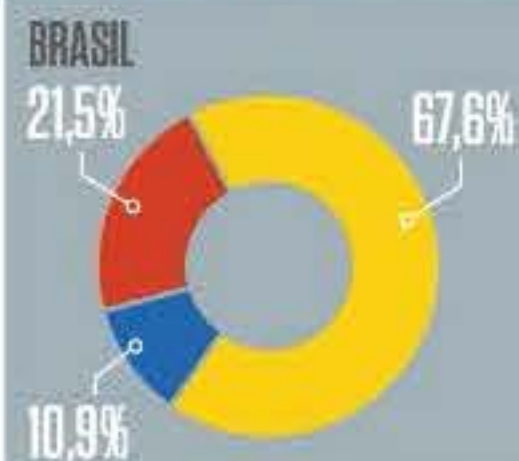
MODERNIZAÇÃO Contêineres no porto de Santos: terminais deixam aos poucos de ser o gargalo da logística

que o transporte marítimo não está esquecido ou sucateado, apenas subutilizado. "A cabotagem transporta 196 milhões de toneladas (2020), porém 75% desse volume é petróleo e derivados." A maior parte produzido pelo Pré-Sal.

"O país pode ganhar em estratégia de escoamento de produtos. Tem gente que diz que vai competir com o rodoviário, mas na verdade reforça os dois", diz Vinícius Picanço, professor de Operações do Insper. Para os especialistas, os modais devem ser complementares para que o País alcance uma logística sustentável e competitiva. "Atravessar o Brasil de caminhão, do Norte a Sul, para levar uma carga não faz sentido. Por outro lado, o transporte por estradas é o mais flexível e o único capaz de entregar na porta do comprador." Ao contrário do Brasil, países desenvolvidos com proporções continentais investem na logística inteligente. Nos EUA, por exemplo, distribuição do transporte de cargas é rodoviário (43%), marítimo (30%) e ferroviário (27%).

Oliveira, da FGV, calcula que o preço do frete a cada mil quilômetros sai R$ 239,79 por caminhão e R$ 50,74 por navio, em média. Outra questão apontada pelo especialista se refere ao impacto ambiental. A pedido da ISTOÉ, Oliveira calculou a emissão de CO2 entre os modais. Para levar uma tonelada de carga na mesma distância (1.000 km), um caminhão emite 101,2 grCO2/TKU e um navio, 20 grCO2/TKU.

"A BR-Mar poderia ser mais competitiva se a Reforma Tributária tivesse avançado", diz Oliveira. O governo também vetou alguns itens da lei, como o benefício fiscal da prorrogação do Regime Tributário para Incentivo à Modernização e à Ampliação da Estrutura Portuária (Reporto) até 2023. A medida permitia a importação de máquinas livre tributos.

A atual mudança é uma bem-vinda atualização do arcabouço regulatório do setor de infraestrutura, que ainda é anacrônico. Houve importantes avanços recentes. O Marco do Saneamento foi aprovado em 2020 por uma iniciativa exclusiva do Congresso, depois de anos de tramitação. Em um ano, multiplicou por dez os investimentos na área. O Marco das Ferrovias, aprovado no ano passado, utilizou uma iniciativa que também se arrastava no Congresso para destravar investimentos privados sem a necessidade de grandes concessões. Com ele, o governo prevê investimentos de R$ 80 bilhões. Cerca de 50 empresas já entraram com pedido de construção de trechos de linhas. Esse movimento virtuoso tende a se repetir no transporte marítimo. "Desde a lei dos portos (2013), muitas mudanças foram realizadas e hoje os terminais não são mais um problema", diz Frischtak. "De três a cinco anos, a cabotagem vai ganhar muita relevância." ■

RODOVIÁRIO Em 2018, bloqueio de 11 dias realizado na greve dos caminhoneiros causou prejuízos de R$ 15,9 bi

FONTE: ANTF

CRESCE A AMEAÇA

EXPANSIONISTA Tropas russas foram enviadas ao Cazaquistão para apoiar o aliado de Putin

Depois de deixar o mundo em suspense nas últimas semanas com o deslocamento de tropas na fronteira com a Ucrânia, ameaçando uma nova invasão, o presidente Vladimir Putin encontrou uma nova forma de fortalecer sua investida expansionista. Usou uma rebelião popular contra o presidente do Cazaquistão para intervir nessa ex-república soviética, esmagando o levante. Foram enviados 2,5 mil soldados de uma aliança pró-socialista àquele país, na maioria russos, a pedido do líder cazaque Kassym-Jomart Tokayev, que ajudaram a controlar as manifestações contra a alta de combustíveis. Oficialmente, o saldo foi de 164 mortos e 5,8 mil presos.

Diplomatas de EUA e Rússia iniciaram conversas em Genebra para tratar do impasse na Ucrânia. Em Bruxelas, uma nova rodada de negociações fracassou na última quarta-feira, o que fez a OTAN declarar que aumentou o risco de um conflito. A Rússia está fazendo exercícios militares com munição real na

PROTESTO Manifestante ucraniana critica em Kiev a interferência do presidente russo, no último dia 9

FOTOS: MIKHEYEV/REUTERS/FOTOARENA; SERGEI SUPINSKY/AFP; ALEXEY VITVITSKY/SPUTNIK/SPUTNIK VIA AFP

PUTIN

Russo mantém suspense sobre invasão na Ucrânia enquanto esmaga a rebelião contra um aliado seu no Cazaquistão. Estados Unidos aumentam o tom contra uma possível intervenção, tentando até obter o apoio do governo Bolsonaro

Denise Mirás

fronteira. Joe Biden tem se unido aos aliados europeus para pressionar os russos contra a invasão. As ameaças são de sanções econômicas, mas a comunidade internacional teme que a ação russa na região arraste outras nações para um conflito armado. A Rússia está em situação belicosa com os EUA há meses. São 175 mil soldados acampados na fronteira com a Ucrânia, "em atitude defensiva", segundo o discurso oficial. O presidente russo garante não ter intenção de invadir o vizinho. Mas não admite a filiação da Ucrânia à OTAN. Analistas apontam que o russo, enfrentando uma crise econômica e oposição interna crescente, teme que a Ucrânia receba apoio militar e econômico europeu e ocidental. Para Biden, há risco real de Putin invadir o Cazaquistão, como na anexação da Crimeia, em 2014. Daí a importância das negociações diplomáticas, para afastar a possibilidade de consequências imprevisíveis.

EM GENEBRA Al Wendy Sherman (EUA) e Serguei Ryabkov (Rússia) debatem situação da Ucrânia

O governo Bolsonaro, que tem se mostrado um fracasso no tabuleiro internacional, acabou envolvido indiretamente nessa tensão. Na segunda-feira, 10, o secretário de Estado americano, Antony Blinken, cobrou uma resposta "firme e unida" do Brasil no caso de ataque russo à Ucrânia, em conversa por telefone com o ministro das Relações Exteriores, Carlos França. O governo brasileiro evitou mostrar adesão ao pleito dos EUA. Uma nota do Itamaraty diz apenas que os dois "trocaram impressões e expressaram suas respectivas posições nacionais". Houve um claro desacordo nessa conversa. Os americanos tomaram essa iniciativa porque Bolsonaro deve ir à Rússia em fevereiro, um encontro que vem sendo organizado desde 2021 (Putin chegou a saudar o Brasil pela resposta à pandemia, e Bolsonaro divulgou um elogio do russo às suas "qualidades masculinas" e "coragem").

Rodada de negociações em Bruxelas fracassou, o que aumentou o risco de um conflito entre Rússia e EUA

Esse encontro de cúpula, por mero acaso, acabou colocando o Brasil numa encruzilhada. A diplomacia brasileira entrou numa saia-justa com os EUA, aliados tradicionais, diante da aproximação de Bolsonaro com o líder que é considerado por Biden a maior ameaça aos interesses americanos no mundo. Putin procura estreitar os laços com a América do Sul depois de ser segregado por boa parte do mundo após suas ameaças militares aos vizinhos e devido à repressão aos adversários políticos. O brasileiro, por sua parte, conta com o russo para romper seu isolamento. Depois da derrota de Donald Trump nas últimas eleições americanas, Bolsonaro não tem nenhum interlocutor internacional de relevância. Putin pode representar sua chance de voltar (ingressar, melhor dizendo) no cenário global.

É uma questão delicada para o Itamaraty, no momento em que o Brasil voltou a ter um assento no Conselho de Segurança da ONU (o que não se deve a nenhuma iniciativa do atual governo brasileiro, diga-se). De qualquer forma, as negociações seguem na Europa, diante de tensões crescentes. Jens Stoltenberg, secretário-geral da OTAN, ressaltou que os soldados russos na fronteira ucraniana representam um risco real de conflito e a aliança ocidental está preparada para uma resposta, caso a diplomacia não resolva o impasse. O vice-ministro russo das Relações Exteriores, Sergei Ryabkov, repetiu que não haverá invasão.

Wendy Sherman, veterana diplomata americana, disse que seu país não aceita o veto ao ingresso da Ucrânia na OTAN. Os Estados Unidos ainda teriam exigido a retirada dos soldados russos deslocados, reiterando a ameaça de "graves sanções". A temperatura sobe, enquanto o mundo torce para que seja afastado o perigo de um novo conflito que lembraria os tempos sombrios da Guerra Fria. ■

Cultura

LIVROS **por Felipe Machado**

VIETNÃ Três milhões de mortos: maior vítima da guerra foi a população local

Corações e me

Uma discussão a respeito do melhor filme sobre a Guerra do Vietnã seria inconclusiva: alguns defenderão *Apocalypse Now*, de Francis Ford Coppola, outros vão preferir *Nascido para Matar*, de Stanley Kubrick, ou *Platoon*, de Oliver Stone. Apesar de documentado à exaustão pela indústria cinematográfica, o conflito no sudeste asiático carecia de um documento literário à altura de sua importância simbólica para o amundo moderno. É o que o renomado historiador britânico Max Hastings pretende resolver com uma obra definitiva sobre o tema: *Vietnã – Uma Tragédia Épica (1945-1975)*.

Hastings é um premiado autor de 26 livros, a maioria deles sobre guerra ao redor do mundo. É conhecido pelo acesso privilegiado a documentos sigilosos e pelo conhecimento estratégico dos combates, mas principalmente pela tentativa constante de responder a uma simples pergunta: "como era estar na guerra?". Para isso, recorre a cartas, entrevistas, jornais locais e relatos que permitem a reconstrução do contexto social durante o período abordado. No caso

FOTOS: AP PHOTO; PAKO MERA/ALAMY LIVE NEWS FOTOARENA; DIVULGAÇÃO

Em *Vietnã — Uma Tragédia Épica*, obra definitiva sobre o conflito militar que durou três décadas no sudeste asiático, o renomado historiador britânico Max Hastings defende a tese de que não houve vencedores, apenas derrotados

ntes

de *Vietnã* não foi diferente. A obra é uma coleção equilibrada de fatos militares e depoimentos que permitem um entendimento apurado dessa guerra que teve uma grande diferença em relação aos confrontos europeus anteriores: a cobertura em tempo real e a atenção midiática sem precedentes. Segundo o autor, esse excesso de imagens fez com que o Vietnã exercesse uma influência cultural maior sobre sua época do que qualquer outro conflito desde a Segunda Guerra.

Hastings cita como exemplo duas fotos históricas que contribuíram para o desgaste do governo americano frente à opinião pública: a do chefe de polícia de Saigon executando um prisioneiro vietcongue, em 1968, e a de uma menina chorando, nua, correndo após ser atingida por um ataque de gás napalm, em 1972. Hastings, ainda, destaca que Hanói, capital do norte do país, sob influência comunista, não divulgava nenhuma imagem e mantinha sigilo total sobre suas igualmente cruéis ações. Embora não use o termo "narrativa", tão comum nos dias de hoje, ele afirma que a transparência da imprensa na divulgação das atrocidades americanas, em contraponto ao silêncio em relação ao que fazia o inimigo, criou uma avaliação assimétrica sobre o papel dos players no conflito. O livro aponta que ambos os lados cometiam crimes de guerra, embora apenas os EUA aparecessem como culpados. Isso gerou um movimento na opinião pública que minou ainda mais o discurso americano e dissipou qualquer justificativa para uma ação militar tão longe de casa. Outro aspecto interessante da análise é que os EUA são constantemente apresentados como os derrotados, mas a verdade é que a maior vítima dessa tragédia humanitária foi mesmo a própria população asiática. É bom lembrar que, oficialmente a guerra se deu entre o Vietnã do Norte, insuflado pela URSS, China e países comunistas, e o Vietnã do Sul, apoiado por tropas americanas, australianas e sul-coreanas. Morreram, ao todo, mais de três milhões de habitantes do Vietnã, mas também do Laos e Camboja, países da região. Só para se ter uma ideia do desequilíbrio da violência, para cada soldado americano morto, morreram cerca de quarenta vietnamitas.

LANÇAMENTO

"Vietnã – Uma Tragédia Épica"
Max Hastings
Editora Intrínseca
847 págs.
Preço: R$ 79

Embora a guerra tenha durado três décadas, de 1945 a 1975, o período que conhecemos pelos filmes e documentários mostra apenas os últimos dez anos – portanto, deve ser analisada no contexto da guerra fria. Os EUA se basearam na "teoria do dominó", que pretendia evitar a influência comunista ao redor do mundo. O sinal vermelho teria sido dado por Cuba e a crise dos mísseis de 1962, quando o mundo chegou muito perto de uma guerra nuclear. Hastings detalha ainda a confusa visão do ex-presidente americano Lyndon B. Johnson e de seu então poderoso secretário de Defesa Robert McNamara. A sucessão de decisões incorretas levou o conflito regional a uma escala global. A frase de Johnson à época foi definitiva: "a vitória da América dependerá dos corações e mentes das pessoas que moram no Vietnã". A falta de conexão com a população local foi o maior adversário dos EUA fora dos campos de batalha. ■

HISTÓRIA Max Hastings: obra traz entrevistas, depoimentos e extensa pesquisa de anotações e documentos

Cada vez mais **pod**

COMÉDIA
Eddie Murphy: o mais bem-sucedido comediante da década de 1980

RECORDES
Will Smith: o ator negro melhor pago da história de Hollywood

GIGANTE
Denzel Washington: obras de William Shakespeare na Broadway e no cinema

erosos

O sucesso de público e crítica dos **atores negros** de diversas gerações revela que o **racismo não tem mais força** para barrar em **Hollywood** a trajetória daqueles que têm talento **Felipe Machado**

Quem se lembra dos videoclipes toscos do rapper Fresh Prince nos anos 1980 dificilmente poderia imaginar que ele se transformaria em um dos maiores astros da história de Hollywood. Nascido na Filadélfia, Will Smith mudou-se para Los Angeles, tentando a vida como rapper, mas logo teve uma ideia que mudaria sua carreira para sempre: um programa de TV sobre um rapper que se muda da Filadélfia para Los Angeles. Não era um reality show: exibido de 1990 a 1996, *The Fresh Prince of Bel-Air* (*Um Maluco no Pedaço*) foi sucesso e abriu caminho para a bem-sucedida carreira do ator americano.

Na sequência, Smith protagonisou de *Bad Boys* e *Independence Day*, até que atingiu o ápice da popularidade com *Men in Black - Homens de Preto*. Desde então, passou a frequentar a lista dos atores mais bem pagos da indústria: de R$ 2 milhões, que ele ganhou por *Bad Boys*, seu cachê saltou para R$ 100 milhões em 2012 - US$ 20 milhões de cachê e porcentagem da bilheteria -, por *Homens de Preto 3*. Tornou-se, assim, o ator negro mais bem pago da história. E o ano de 2022 começou com uma excelente notícia: ele deixou de ser apenas um astro com grande popularidade e passou também a ser respeitado pela crítica. Recebeu no domingo 9, o Globo de Ouro por *King Richard - Criando Campeãs*, produção em que interpreta o pai das tenistas Venus e Serena Williams, e tornou-se um dos favoritos ao Oscar. Por esse trabalho, recebeu US$ 40 milhões – doou parte do cachê aos colegas do elenco, após problemas com a produção que ocasionaram perdas na receita dos outros atores.

MESTRE Sidney Poitier: o primeiro a ganhar o Oscar de Melhor Ator

O sucesso que transformou Will Smith em um dos mais poderosos players de Hollywood não veio da noite para o dia. O pioneiro a romper a barreira do racismo e se tornar uma grande estrela de cinema foi Sidney Poitier, o primeiro ator negro a conquistar o grande prêmio da Academia por *A Voz nas Sombras*, de 1964. Poitier, que faleceu no início de janeiro aos 94 anos, foi o símbolo da luta dos profissionais negros por igualdade salarial, uma guerra que só obteve vitórias significativas no final do século 20.

Nos anos 1980, um comediante negro se tornou o ator mais famoso do planeta pela primeira vez: depois de ganhar o público como um policial durão em *48 Horas*, Eddie Murphy assumiu a comédia e quebrou recordes de bilheteria com *Beverly Hills Cop*, de 1984. Ao longo dos anos, seguiu emplacando filmes de sucesso como *Um Príncipe em Nova York*, *Professor Aloprado* (remake de Jerry Lewis) e *Dr. Dolittle* – ao contrário de Will Smith, no entanto, Murphy nunca foi recompensado por seu talento dramático.

Nesse quesito, o ator negro mais bem-sucedido de todos os tempos é, sem dúvida, Denzel Washington. Ele não apenas atingiu status de estrela em grandes bilheterias, como teve boa aceitação pela crítica desde o início da carreira. Isso se deve a sua formação como ator de teatro, onde estreou com destaque na Broadway, em 1979, com a peça *Coriolanus*, de William Shakespeare. Recebeu elogios ainda por outras peças do dramaturgo britânico, como *Ricardo III* e *Júlio César*. Denzel logo levou a vocação shakespeariana para o cinema, onde se destacou em *Muito Barulho por Nada* (1993), dirigido pelo britânico Kenneth Branagh. As premiações vieram com o tempo: foi agraciado com todos os prêmios possíveis, entre eles três Globos de Ouro e dois Oscars, um por *Tempo de Glória*, de 1989, e outro por *Dia de Treinamento*, em 2001. Voltou a encenar Shakespeare na nova versão de *Macbeth*, de Joel Coen, que estreia essa semana no streaming AppleTV+. Em 2020, o jornal *The New York Times* o elegeu o maior ator do século 21, até agora. No palco, na tela ou no streaming, o talento dos atores negros importa – e mostra cada vez mais sua força. ■

FOTOS: REPRODUÇÃO; XAVIER COLLIN/IMAGE PRESS AGENCY/NURPHOTO; MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY IMAGES

OUTRO LADO *Intervenção*: Marcos Palmeira lidera tropa de policiais que interagem com a comunidade

STREAMING

Do morro carioca à boate paulista

Os filmes *Intervenção* e *Virando a Mesa*, do diretor Caio Cobra, estreiam simultaneamente na Netflix

A indústria do audiovisual passa por uma crise no Brasil, mas o diretor Caio Cobra não tomou conhecimento disso: ele acaba de lançar dois longas na Netflix em menos de um mês. *Intervenção* é uma espécie de lado B de *Tropa de Elite*, onde os policiais não são apenas justiceiros implacáveis, mas homens e mulheres mais conscientes, que questionam seu trabalho e interagem com a comunidade. Estrelado por Marcos Palmeira, Babu Santana e Bianca Comparato, tem roteiro de Gustavo de Almeida e Rodrigo Pimentel, autor de *Elite da Tropa*, livro que deu origem ao sucesso de bilheteria de José Padilha. Já *Virando a Mesa* foi escrito pelo próprio Caio Cobra, e traz uma história repleta de reviravoltas que lembram os filmes independentes americanos dos anos 1990. A trama mostra o policial Jonas (Rainer Cadete) em uma operação para fechar um jogo de pôquer que funciona em uma boate clandestina de strip-tease, mas ele acaba se envolvendo com o jogo e com a sexy dançarina Nina, papel de Monique Alfradique. As duas produções chegam simultaneamente ao streaming por questão de coincidência: "Filmamos *Virando a Mesa* em 2017 e *Intervenção* em 2018, mas atrasos na finalização decorrentes da pandemia fizeram com que os dois ficassem prontos apenas agora", afirma Cobra.

PROFISSIONAL VERSÁTIL

Antes de ser diretor, Caio Cobra era montador e roteirista. Raro na indústria do cinema, o acúmulo de funções lhe deu independência para escrever, editar e dirigir *Virando a Mesa*, influenciado pelo estilo de Guy Ritchie e de Quentin Tarantino. Já *Intervenção* é uma abordagem humana dos conflitos nos morros cariocas. "Eu não queria fazer mais um filme de tiroteio na favela", diz. Cobra prepara a estreia como escritor, com *Um Brinde às Trevas* (U-Book)

PARA LER

O roqueiro **Dave Grohl** foi baterista do Nirvana e depois montou a própria banda, Foo Fighters, como cantor e guitarrista. Esses e outros episódios estão na autobiografia *O Contador de Histórias*.

PARA VER

As melhores espiãs do mundo estão juntas em *As Agentes 355*, estréia que reúne as atrizes Penélope Cruz, Lin Mi Sheng, Diane Kruger, Jessica Chastain e Lupita Nyong'o contra uma organização criminosa global.

PARA OUVIR

O aguardado novo álbum de The Weeknd, *Dawn FM*, tem forte influência de Michael Jackson e participação especial de Quincy Jones. O disco mantém sua pegada dançante e simula a programação de uma "rádio do purgatório", onde o DJ é o ator Jim Carrey.

FOTOS: DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO

por Felipe Machado

MÚSICA

Um novo festival na montanha

Após 51 edições, tradicionalmente no inverno, a cidade de Campos do Jordão ganha seu 1º Festival de Verão. O evento acontece de 22/1 a 13/2 e terá mais de 50 apresentações, muitas delas transmitidas ao vivo pelo Youtube. Além de música clássica, a programação contará também com um eixo popular: com curadoria de Mônica Salmaso, terá shows de João Bosco, Dori Caymmi e Paula Lima. Destaque ainda para o violonista **Fábio Zanon**, o compositor Arrigo Barnabé e o americano Derek Bermel.

TEATRO

O Vendedor de Sonhos no palco

Visto por mais de 120 mil pessoas, a comédia dramática baseada no best-seller homônimo do psiquiatra Augusto Cury estreia nova temporada no Teatro Gazeta, em São Paulo, de 15/1 a 6/3. A trama conta a história de Júlio César (interpretado por **Mateus Carrieri**), que tenta o suicídio e é impedido por um morador de rua. O livro em que se baseia a trama já foi traduzido para mais de 60 idiomas e ganhou adaptação para o cinema. "A peça leva o espectador a fazer uma viagem para dentro de si mesmo", afirma Cury.

DOCUMENTÁRIO

Harry Potter, 20 anos depois

O reencontro mais aguardado pelos fãs do bruxinho já pode ser conferido em um especial da HBO Max: *Harry Potter - 20 Anos de Magia: De Volta a Howarts* comemora os vinte anos do lançamento de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, primeira adaptação dos livros de JK Rowling para o cinema. Os atores **Daniel Radcliff, Emma Watson** e **Rupert Grint**, entre outros, se reúnem para discutir bastidores e curiosidades da produção.

CINEMA

Woody Allen homenageia os ídolos

Apesar de ter sido cancelado por Hollywood, Woody Allen tem mantido sua impressionante média de um filme por ano. Em *O Festival do Amor*, rodado em San Sebastian, na Espanha, ele inclui homenagens aos seus cineastas favoritos entre as cenas de uma trama simples, que envolve um professor de cinema decadente que vê a mulher se apaixonar por um cineasta mais jovem. Há referências a Ingmar Bergman e Federico Fellini, entre outros.

por Mentor Neto

Escritor e cronista

DIÁRIO DA COVID

Pronto. Peguei.

Depois de dois anos trancado em casa, passando álcool gel até na sola das patas do meu schnauzer, fui finalmente agraciado com o vírus maldito.

Sei lá como ele penetrou no meu bunker higienizado, o danado.

Devo ter olhado para o lado e pimba, o bicho pulou da tela do computador para o mouse e de lá para meu sistema circulatório.

Estranho pensar que uma estrutura molecular que existia na corrente sanguínea de um morcego chinês, se reproduziu exponencialmente, mutou, matou milhões e hoje circula belo e formoso pelas minhas veias.

Eu sei. Eu sei. Estou rindo só para aliviar a tensão, já que faço parte de vários grupos de risco: gordos; fumantes; velhos e carecas.

Carecas são uma teoria minha, não comprovada cientificamente.

Mas pense: carecas possuem mais superfície de pele disponível para que os vírus procurem uma porta de entrada, sei lá. Eu acho.

Uma estrutura molecular infame, tomou o mundo de assalto.

Um nada. Uma coisinha invisível a olho nu que conseguiu ser mais eficiente em destruir economias do que o comunismo e o capitalismo combinados. Mais destrutivo do que fomos depois de milhares de anos criando armamentos bélicos. Mais disruptivo socialmente do que o liberalismo ou qualquer outra teoria de esquerda ou direita. Imigrou ilegalmente, rastejando através centenas de fronteiras aéreas, marítimas e terrestres, muito mais do que os NAVY Seals, os espiões soviéticos ou o MI6 inglês. Tomou igrejas, templos, sinagogas e mesquitas.

Como é que eu poderia imaginar que não seria capaz de passar pelo Manuel, o porteiro aqui do prédio?

Divido com vocês um breve diário do que tem sido minha rotina.

Dia 1

Acordei falando chinês.

Achei que poderia ser uma reação dos dois litros de gin que tomei na noite anterior.

Gin, poucos sabem, tem o efeito de álcool gel, mas no interior do organismo.

Não era. Pensando melhor, se fosse, eu teria acordado falando inglês.

Dia 2

Suei frio o dia todo. Cansado. Todo dolorido. O mesmo efeito de correr uma maratona, o que faz a gente pensar que talvez a maratona também seja uma invenção chinesa para destruir o planeta. Resolvi tentar uma outra garrafa de gin.

Dormi o resto do dia.

Dia 3

Decidi fazer um exame.

No hospital, depois de 6 horas esperando, finalmente consegui que cutucassem meu cérebro pelas narinas. Chegamos à Marte e ainda precisam enfiar uma agulha de crochê no seu nariz para saber se você está doente. Comprei gin na volta.

No terceiro dia suei frio e fiquei cansado. Todo dolorido. O mesmo efeito de correr uma maratona

Dia 4

Saiu o resultado.

Positivo.

Por alguns segundos, fiquei feliz.

Positivo é uma palavra otimista. Aí lembrei que em exames, positivo é ruim.

Acho que essa é uma questão que deveria ser discutida. É evidente que "Negativo" deveria ser usado quando você está doente.

Dia 5

Liguei para minha médica, a Dra. Lúcia, porque finalmente cedi ao fato de que não vou conseguir matar o vírus à base de gin.

Ela me acalma. Não tem muito o que eu possa fazer. Beber muita água. Pergunto se pode ser gin.

Ela não responde.

Não tenho nenhum sintoma, além do pânico.

Enquanto você estiver lendo essas linhas, provavelmente já estarei curado. Se for o Ômicron, claro. Se não for, conto com suas energias.Se não tiver coluna na semana que vem, você já sabe. Foi o gin.